

O PRÍNCIPE DA PRISÃO DOURADA

NATHALIE MALLET

Tradução de Renato Carreira



COLEÇÃO
TEEN
Uma aventura por mês



TÍTULO: *O Príncipe da Prisão Dourada (volume 4 da Coleção TEEN)*

AUTORIA: *Nathalie Mallet*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência Lda.

Título original The Princes of the Golden Cage © 2007 Nathalie Mallet.

Publicado originalmente nos E.U.A. por Night Shade Books, 2007

TRADUÇÃO: *Renato Carreira*

REVISÃO: *Rui Aires Augusto*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Peres - Sactip*

1ª EDIÇÃO: *Outubro, 2009*

ISBN: *978-989-637-165-4*

DEPÓSITO LEGAL: *297691/09*

Coleção Teen é uma marca registada da Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

AGRADECIMENTOS



Gostaria de agradecer a Andre, o meu marido, sem cujo apoio este livro não existiria, e à minha maravilhosa agente, Jenny Rappaport, por acreditar em mim. Obrigada aos amigos e membros do meu grupo de leitura, David, Richard e Rachel, que sempre se dispuseram a oferecer palavras de incentivo e conselhos. Um agradecimento especial a Jason Williams e Jeremy Lassen da *Night Shade Books* por tornarem o meu sonho realidade.

CAPÍTULO UM



Sentei-me na cama. Soube que alguém se aproximava graças aos meus dois irmãos dementes, Jafer e Mir, que gritavam sem cessar. Ocupavam os quartos que flanqueavam o meu e sempre me alertavam para a presença de estranhos no nosso corredor. Não poderia desejar melhores cães de guarda que eles. Escolhera viver na velha torre da biblioteca do palácio apenas para ficar próximo deles. E também para ficar próximo dos meus amados livros.

Suspirei e levei a mão à adaga escondida por baixo da almofada. Apesar de a minha posição na linha sucessória não ser suficientemente elevada para constituir uma ameaça para os meus irmãos, não abdicava de manter armas por perto. Todo o cuidado era pouco. Sobretudo ali. Na Jaula do Palácio Kapisi, nenhum príncipe estava a salvo.

O sistema de aprisionamento Kafesor, que envolvia prender todos os príncipes numa secção do palácio até um deles ser coroado o soberano seguinte, fora instituído pelo meu trisavô, o sultão Mudel Ban II, após os seus numerosos filhos terem desintegrado o reino de Telfar numa sangrenta luta fratricida. Nesse tempo, os príncipes encontravam-se espalhados pelo país e cada um governava uma província como preparação para o trono. A dinastia Ban nunca acreditou que deveria ser o filho mais velho a tornar-se sultão de forma automática.

Cobrindo os ombros com um roupão de seda azul e segurando firmemente a adaga, aproximei-me da porta. Deslizei o seu pequeno postigo e espreitei através da grade de madeira colocada do outro lado. Um criado erguia-se no corredor. Estava vestido com a seda amarela e negra dos serviçais do vizir,

com as calças largas e listradas que os faziam parecer abelhas gigantes.

— Príncipe Amir — disse, com uma vénia. Quando se endireitou, o pequeno chapéu amarelo que se equilibrava precariamente no topo da sua cabeça quase caiu.

— Que queres? — perguntei, coçando a barba curta. — Fala!

O criado lançou um olhar nervoso às portas dos meus irmãos ruidosos.

— Mil perdões por perturbar o vosso repouso, alteza, mas sucedeu algo terrível. Um dos vossos irmãos faleceu e... mestre Hassan solicita o vosso conselho.

Não podia dizer que me chocavam as notícias da morte de um dos meus irmãos. Os príncipes morriam com regularidade na Jaula do palácio. No entanto, o facto de Hassan, o assistente do grão-vizir, solicitar a minha ajuda era verdadeiramente surpreendente. Pedir a um príncipe para deixar o seu quarto a meio da noite para ver um cadáver era francamente invulgar.

Cuidado, Amir. Poderá ser uma cilada. Os meus olhos voltaram-se para o espelho colocado no canto ao fundo do corredor. O ângulo permitia-me ver a escadaria à direita. Os degraus estavam vazios. No entanto, isso não bastava para me tranquilizar. A Jaula podia ter posto fim a uma guerra, mas não eliminara o fratricídio. Ao invés, fora instituído um conjunto de regras. O homicídio passava a exigir a aprovação do grão-vizir. E precisava de motivo. Honra manchada era o motivo invocado com maior frequência. A honra dos príncipes facilmente se manchava. Como os pêssegos. *Terei ofendido alguém ultimamente?* Maldição. Não conseguia lembrar-me.

Voltei a interpelar o criado.

— Porquê eu? — perguntei, estreitando os olhos. — Porquê o meu conselho? Há outros príncipes na Jaula. Porque não pedir o seu auxílio?

O criado engoliu em seco.

— Devido... à forma como o vosso irmão morreu. — A sua voz reduziu-se a um murmúrio. — Não foi uma morte normal.

Nada normal. Hum... E porque vossa alteza tem conhecimentos de magia e de encantos nefastos. Todos sabem que vossa alteza estuda tais... assuntos.

A frustração levou-me a expelir entre dentes cerrados o ar que sustinha. Sabia que não valeria a pena desperdiçar o meu tempo tentando explicar que a alquimia, a botânica e a astronomia não tinham nada a ver com a magia. Eram ciências factuais, provadas, e não superstições. Olhei os milhares de livros antigos e preciosos que cobriam as paredes dos meus aposentos. A velha biblioteca do palácio não albergava muitos volumes sobre as artes negras. Agora que pensava no assunto, apenas o grão-vizir possuía mais livros de magia que eu. Não que alguma vez me tivesse sentido inclinado a abrir um. *Magia...* Abanei a cabeça. Para mim, não passava de superstição antiquada e irracional. Não precisava de ver o cadáver do meu irmão para saber que não havia magia envolvida na sua morte. Haveria certamente algum mal. Mas não seria magia. No entanto, a minha curiosidade fora espicaçada e, apesar de contrariar as minhas convicções mais profundas (de que deveria permanecer discreto e não atrair atenções), aceitei seguir o criado. Precisava de provar um ponto. Precisava de provar que não fora a magia a causar a morte do meu irmão. Mais do que isso, precisava de provar que a magia não existia.

Envergando um cafetã azul-escuro, a vestimenta longa usada pelos nobres, e armado com a espada que mantinha junto à porta (para a eventualidade de um ataque), juntei-me ao criado no corredor. Não parti de imediato. Primeiro, precisava de acalmar os meus dois irmãos. Aproximando-me da porta à esquerda, espreitei pela grade aberta. Vi que Mir se escondera ao fundo do quarto e regressara aos habituais murmúrios. Deixei-o e atravessei o corredor até ao quarto do lado oposto.

Enquanto me aproximava da porta de Jafer, a sua mão projetou-se para fora da grade.

— Cuidado com as nuvens negras — disse. — O mal aproxima-se.

Segurei-lhe a mão.

— Não te apoquentes. Terei cuidado com as nuvens. Volta para a cama, Jafer.

Apertou-me os dedos com força. Não me movi. Sabia que não devia resistir a Jafer. Isso apenas o faria segurar-me a mão por mais tempo. Por isso, esperei que me libertasse, dizendo-lhe que tudo correria bem, que os demónios, fantasmas e nuvens tinham partido. Como sempre, fora eu a afugentá-los. Por vezes, cantava-lhe. A música ajudava a combater a sua demência. Não o faria naquele momento. Não tinha tempo e a presença do criado incomodava-me. As minhas canções serviriam para acalmar os nervos de Jafer e para pouco mais.

— Vêm matar-nos, não é? — ouvi Mir perguntar pela grelha da sua porta. Ao contrário de Jafer, Mir sabia que os únicos demónios que vagueavam pelo palácio eram os nossos outros irmãos. Eram o seu maior receio. Um receio que, em menor grau, era partilhado por mim.

— Não, Mir — disse-lhe. — Esta noite não. Esta noite, estás seguro. Tu também, Jafer.

Tranquilo, Jafer afrouxou o aperto.

— Promete que não te demoras muito.

— Regressarei num instante — prometi, afastando-me com o criado.

O silêncio no palácio era sinistro àquela hora da noite, sobretudo para quem recordasse que albergava cinco mil pessoas. Construído na margem do Deserto de Oborandi trezentos anos antes, o Palácio Kapisi via-se agora rodeado por três lados pela grande cidade de Tulag. Apenas a muralha traseira continuava voltada para o deserto. Constituído por dúzias de edifícios cercados por muralhas altas e sólidas, muitos se referiam ao palácio como se fosse uma cidade. Por si só, a Jaula era habitada por mais de quinhentas almas e tinha cozinha, balneários, pátios e estábulo próprios. Era espaçosa. Precisava de o ser. O meu pai, o sultão Mustafa Ban, gerara mais de duzentos e cinquenta filhos, e desses, cento e dezassete tinham sobrevivido às intrigas do harém e

alcançado a idade adulta, o que, em Telfar, acontecia aos catorze anos. O número de filhas foi semelhante. No entanto, o valor reconhecido às minhas irmãs era inferior ao nosso. Mantidas no harém, eram usadas como moeda de troca para reforçar ou criar alianças com os governantes de outros reinos e com os nobres do nosso. Apesar de Telfar ser um reino governado exclusivamente por homens, a história relatava muitas decisões influenciadas por inteligentes favoritas do harém. E muitos sultões deviam a coroa ao talento das mães.

Dirigimo-nos para a cozinha da Jaula, avançando em silêncio quase completo. Nunca antes vira aqueles corredores sombrios tão desertos, como se os criados que habitualmente podiam ser vistos por toda a parte fugissem diante de nós. Achei o ambiente deveras perturbador. Quando virámos para um longo corredor ladeado por janelas, fui atingido por uma brisa gélida. Parei e espreeitei pela janela mais próxima.

— Porque construíram a Jaula no único lado do palácio voltado para o deserto? Tudo o que podemos ver por estas janelas é areia ou os pátios. Uma vista sobre a cidade seria pedir demasiado?

O criado encolheu-se, como um cão demasiado submisso receando um pontapé do seu dono.

— Mil perdões, alteza.

Revirei os olhos. Voltando a olhar pela janela, contemplei o deserto. A luz ténue da lua cheia dava às dunas a aparência de ouro finamente moído.

— Diz-se que Tulag é uma das mais belas cidades do mundo. É verdade?

— Oh, sim, alteza.

Por um segundo, invejei a liberdade do criado. Como poderia eu, um príncipe, viver até aos dezanove anos sem ter visto nada além das paredes ornadas da Jaula ou do harém. Era um pecado. Pior ainda, era o conhecimento de que poderia morrer sem ter visto a cidade, como sucedera a muitos dos meus irmãos. Poderia escapar às armadilhas dos meus irmãos durante tempo o suficiente para assistir à coroação do próximo

sultão? Ficaria livre depois disso? A tradição sucessória telfariana determinava que o trono caberia ao príncipe que se revelasse mais capaz. Frequentemente, o mais capaz seria também o mais tortuoso e implacável, e a sua coroação era quase sempre seguida pela carnificina, apressando-se o escolhido a eliminar os irmãos antes que estes pudessem unir-se contra ele. Assim sendo, mesmo que sobrevivesse até à coroação do novo sultão, era provável que morresse pouco depois. Cerrei os dedos em punhos fortes. *Não. Eu não. Sobreviverei e verei a cidade.* Há muito que tomara essa decisão, abdicando do trono como objetivo da minha vida. De qualquer forma, nunca me interessou. Era pela liberdade que ansiava acima de qualquer coisa. A liberdade era o meu objetivo.

— Alteza, aguardam-nos — disse o criado.

Olhei uma última vez a lua cheia que brilhava sobre as dunas e segui-o. Minutos depois, alcançámos o fim do longo corredor, onde Hassan e um pequeno grupo de guardas nos esperavam. A luz dos seus archotes fazia o recanto que ocupavam reluzir como âmbar, como se as próprias paredes estivessem em chamas.

O meu primeiro pensamento foi para a aparência assustada de Hassan. Um jovem de vinte e poucos anos, ainda sem barba. Naquela noite, faltava às suas bochechas imberbes a habitual coloração rosada. Parecia pouco à vontade com as calças listadas e a túnica negra exigidas pelo seu cargo de assistente do grão-vizir. Hassan era novo na tarefa. Não passara um ano desde a sua nomeação. Obtivera o cargo depois de o assistente anterior ter sido decapitado por não conseguir descobrir quem roubara um jarão precioso oferecido ao meu pai pelo rei de Karpel. Era certo que Hassan não esquecia o fim do seu antecessor, o que contribuiria certamente para o seu receio presente. No entanto, foram os seus olhos arregalados que me captaram a atenção. Miravam o corredor como se esperasse que algo se lançasse dos seus recantos sombrios.

Por fim, os seus olhos encontraram os meus e saudou-me com uma vénia.

— Príncipe Amir, espero que me perdoeis por perturbar o vosso sono, mas sinto grande necessidade dos vossos préstimos.

Franzi a testa. Havia demasiado alívio na voz de Hassan. Ninguém poderia sentir-se tão feliz por ver um príncipe, pois era sabido que não eram gente agradável. Olhei o grupo de guardas atrás de Hassan. Os dois à esquerda tremiam com tamanha intensidade que quase não conseguiam manter-se de pé.

— Que se passa? — perguntei. — Aplicar as regras da Jaula é o dever do grão-vizir. Tratando-se de uma morte não sancionada, porque não está aqui?

— O vizir foi chamado ao Palácio de Verão pelo sultão e apenas regressará dentro de alguns dias.

— Seja como for, porquê convocar-me a mim e não aos físicos? — perguntei, mais do que ligeiramente irritado.

Hassan humedeceu os lábios.

— Vossa alteza é... hum... versada em assuntos abstratos e complexos. — Com um gesto, indicou aos guardas que se afastassem. Obedeceram com uma prontidão que me pareceu suspeita, revelando o corpo inerte de um jovem estendido no chão. Apesar de ter a pele clara e o cabelo ruivo dos nórdicos, o cafetã púrpura e dourado indicava que era um dos meus irmãos: apenas um príncipe poderia pagar indumentária tão sumptuosa. *Passamos a ser cento e dezasseis!*

Suspirei. A sua aparência fora a sua perdição. Era difícil não atrair atenções quando se era tão... espalhafatoso. Quem desse nas vistas veria o seu potencial ser avaliado. Não era positivo quando se vivia enclausurado com tantos irmãos sedentos de poder. Dizer que não se queria ser o próximo sultão, que apenas se desejava sobreviver, era inútil, mesmo que fosse verdade. Para muitos dos meus irmãos, os únicos príncipes que não constituíam ameaça eram os príncipes mortos. Considerava-me afortunado por ter estatura mediana, cabelo escuro e olhos castanhos, como a maior parte dos meus irmãos. Por isto, facilmente poderia confundir-me com eles. Com maçãs do rosto elevadas, queixo reto e barba curta e cuidada, a minha face era uma entre muitas. Sem particularidades notáveis. Cultivava grandemente esta

discrição. Encolhia-me quando estava entre irmãos mais baixos, tentava soar enfadonho quando estava com os menos inteligentes e duplicava os modos afetados dos meus irmãos de maior estatuto quando estava junto deles. Até na escolha do vestuário era cuidadoso. O azul e o verde eram as cores predominantes nas paredes do palácio e, por isso mesmo, também nos meus cafetãs. Até o meu nome, Amir, era comum. Havia pelo menos quatro ou cinco príncipes Amir ainda vivos. Uma verdadeira bênção.

Olhei o meu irmão morto com alguma tristeza. Tinha nascido com poucas hipóteses de não atrair atenções. Creio que se chamava Hamed. Se a memória não me enganava, o seu estatuto era inferior ao meu. Ocuparia a septuagésima oitava posição ou algo semelhante. *Com que avidéz desejariam a morte deste rapaz, não podendo esperar alguns dias pelo regresso do grão-vizir. Quem ofendeste, irmão? É óbvio que fizeste um inimigo mortal.*

Os meus olhos passaram do meu irmão morto para Hassan.

— Não vejo marcas. Nem sangue. Nem no chão nem nas suas roupas...

Os guardas abriram a boca de espanto e recuaram. Parei de falar. Um raio de luar entrando pela janela mais próxima caíra sobre a face de Hamed. A pele do meu irmão tinha a cor de cinzas frias.

— Estrangulado? — perguntei.

Hassan abanou a cabeça. Voltando-se para os dois guardas trémulos em que reparara antes, disse:

— Estes dois presenciaram tudo. — Reduzindo a voz a um sussurro, prosseguiu. — O príncipe Hamed parecia bem de saúde e avançava para os dois guardas quando, subitamente, parou à frente de uma destas janelas, levou as mãos à garganta e começou a asfixiar.

— Envenenado? — perguntei, em voz baixa. — Não acredito! O veneno é a arma das mulheres e dos cobardes. Terá um dos meus irmãos descido tão baixo, Hassan?

Hassan não respondeu, o que me pareceu bastante prudente da sua parte. Ao invés, continuou:

— Os guardas correram para ajudar o príncipe Hamed e foram repelidos por... — aproximando-se mais de mim, sussurrou as últimas palavras — ... repelidos por mãos frias e invisíveis.

Pestanejei. Quis rir-me, mas a seriedade da expressão de Hassan impediu-o.

— Príncipe Amir, estes homens estão aterrorizados. Dizem que há forças malévolas em ação aqui. Foi por isso que vos convoquei. Estou certo de que podereis encontrar uma explicação lógica para este bizarro acontecimento. Serviria para tranquilizar os guardas e todo o palácio.

Senti-me agradavelmente surpreso. Hassan queria que eliminasse um boato potencialmente perturbador, que o abafasse antes que desse a volta à cabeça de criadas, cozinheiros e de todos os outros servos, afetando o seu trabalho. A minha opinião do jovem assistente melhorou dez vezes. Acenando afirmativamente, peguei num dos archotes dos guardas e avancei para a janela mais próxima. Fixando os olhos na chama, aproximei-me mais da janela, movi-me para a esquerda e para trás. Deveria ser por ali. *Ah. Aqui está.* Uma corrente de ar frio atingiu-me. A minha pele arrepiou-se de imediato e a chama do archote moveu-se lateralmente. Indicando uma segunda janela do lado oposto do corredor, disse:

— Penso que encontrámos as vossas mãos frias. É a corrente de ar entre estas duas janelas.

Nada convencidos, os guardas olharam em redor, desconfortáveis, mas não se atrevendo a contradizer um príncipe. Nesse instante, uma rajada de vento forte empurrou-me para diante, apagando o archote e colando-me o cafetã ao corpo como uma segunda pele.

— Oooh! — exclamaram os guardas.

— Vejam. Foi o vento. Quanto ao que matou o meu irmão, foi veneno. Apenas não sei de que tipo... Ainda.

Ouviram-se suspiros de alívio em redor e a tensão no corredor amainou. Vendo que as coisas regressavam à normalidade, Hassan mandou os guardas buscar uma maca para levar dali o príncipe morto.

Devolvi o archote a um dos guardas que partiam e ajoelhei-me ao lado do meu irmão. A cor cinzenta da sua pele intrigava-me. Notei que tinha os lábios azulados. *Este veneno tem efeitos secundários estranhos. Nunca vi nada assim.*

Hassan agachou-se a meu lado.

— Príncipe Amir, agora que estamos a sós, creio que vossa alteza deverá... tocar-lhe.

— O quê?

— Não pude dizer-vos isto em presença dos guardas, mas há algo na morte do vosso irmão que não poderá ser explicado por vento e veneno. Se lhe tocardes, perceberéis.

Estudei atentamente a face de Hassan. Olhos verdes, pele de um dourado pálido com uma vaga tonalidade rosada. Tinha as feições típicas dos habitantes da ilha de Salo. Os ilhéus eram afamados pela sua lógica.

— Pensei que a gente de Salo não acreditasse em magia — disse.

— E não acreditamos. Eu não acreditava... — Encolheu-se. — Já não estou certo.

Enquanto olhávamos ambos para Hamed, a pele do meu irmão morto empalidecia diante dos nossos olhos. Tinha agora a cor de ossos velhos e os seus lábios estavam quase roxos. Era óbvio que o que o tivesse matado não tinha cessado os seus efeitos. Algo mais era roubado ao meu irmão além da vida.

Tentei tocar-lhe o pescoço e embati contra uma parede fria. Lâminas geladas trespassaram-me a mão e o frio subiu-me o braço até ao cotovelo. Recuei, com os dedos torcidos pela dor. Cobrindo a mão com a manga do cafetã, tentei tocá-lo novamente. Novamente, a parede fria bloqueou-me, mas, daquela vez, era menos sólida. Senti-a ceder lentamente como água parcialmente congelada. Cerrando os dentes para resistir ao frio glacial que me envolvia a mão, empurrei com toda a força. Quando os nós dos meus dedos tocaram a pele do meu irmão, a parede fria desapareceu, deixando-me sem fôlego.

— Haveis quebrado o encanto — disse Hassan. — A cor regressa à face do vosso irmão.

Apesar de ver a sua pele regressar à normalidade, a minha mente recusava-se a acreditar no que os olhos viam com clareza. *Não pode ser. Terá de haver alguma explicação sensata para este fenómeno, alguma lógica que não envolva magia. Terá de ser. Sim, estou certo de que haverá. Hei de prová-lo.*

— Há algum problema, alteza? — perguntou Hassan, fazendo-me perceber que ofegava sonoramente.

Abanei a cabeça.

— Nem uma palavra sobre isto a quem quer que seja, compreendes? Não até sabermos mais.

Hassan acenou vigorosamente com a cabeça.

Sem mais uma palavra, ergui-me. Foi nesse momento que vislumbrei uma silhueta alta escondendo-se nas sombras ao fundo do corredor. Após cuidadosa observação, percebi que o espião seria louro ou usaria um turbante dourado. Movi-me ligeiramente para a esquerda. Sim. Era louro. Lembrava-me de ter visto aquele irmão louro apenas em duas ocasiões anteriores. Não conseguia recordar o seu nome. Mas era certo que se escondia melhor que o pobre Hamed.

— Mostra-te, irmão! — gritei. Os guardas regressaram com a maca, obstruindo o corredor e impedindo-me de ver o espião. Iniciaram de imediato a desagradável tarefa de moverem o cadáver do meu irmão. Quando desimpediram o caminho, o espião louro tinha partido. Aproximei-me do local sombrio onde se escondera. Havia um nicho na pedra, do tipo usado para albergar estátuas ou jarrões.

— Mostra-te — disse, novamente. Não houve resposta. Levando a mão à espada, entrei no nicho. Era pequeno, escuro e estava vazio. Expirei, aliviado. O confronto nunca me agradou. Não me faltava coragem, longe disso. Mas, como a coragem era vista como um talento de governação pelos meus irmãos homicidas, tentava demonstrá-la com tão pouca frequência quanto fosse possível. Quando me voltei, senti um odor familiar: o cheiro poeirento e seco de livros antigos. Inspirei. Livros antigos e bolorentos. *Que curioso! Pensei que fosse o único príncipe a apreciar livros.* Mas não era suficientemente curioso para me intrigar

além disso. Afinal, o palácio estava repleto de velhos objetos decorativos e o cheiro poderia provir de qualquer outra coisa.

Estava prestes a sair do nicho quando o meu olhar caiu sobre um objeto reluzente pendurado de uma farpa de madeira que se destacava da parede. Era um medalhão de ouro com uma corrente. Segurei-o com uma mão, voltando-o com um dedo. A qualidade do trabalho era magnífica. Não poderia ser a joia de um criado. Passei o polegar pelas flores em forma de estrela e pelas fitas que decoravam a tampa do medalhão, abrindo-o. No interior, havia o retrato de uma mulher muito jovem, uma rapariga no limiar da idade adulta, pintado em porcelana. A sua beleza deixou-me sem fôlego. Era esplêndida. Uma verdadeira visão de feminilidade, com caracóis dourados pendants, olhos grandes e calorosos e uma pele tão aveludada como a de um pês-sego macio. Enquanto contemplava a sua face adorável, senti um aperto na garganta e a minha mão começou a tremer. A intensidade da minha reação chocou-me. Não era a primeira beleza exótica que via. O palácio estava repleto delas. Bailarinas das terras orientais de Tomel, cantoras da ilha de Irabus, assistentes de balneário de Erasor. O meu pai era um grande colecionador de belezas exóticas. O seu harém continha mais de duzentas mulheres de trinta reinos diferentes. Era também por isso que os meus irmãos tinham todos os tons de pele imagináveis. Por isso, não era habitual que me deixasse impressionar por caras bonitas. Mesmo assim, a beleza do medalhão tocou-me. Pensei que tinha a face de uma princesa. A miniatura seria certamente o trabalho de um mestre.

Fechei o punho em redor do medalhão. *Quem será ela?*, pensei. Tanto quanto sabia, podia estar ali, no Palácio Kapisi. Vi o corpo de Hamed ser levado pelos guardas. Por algum motivo, senti que aquela mulher estaria ligada à morte do meu irmão.

CAPÍTULO DOIS



Sentia o cérebro entorpecido quando a manhã chegou. Passara metade da noite procurando em vão o tipo de veneno que poderia produzir o efeito que presenciara em Hamed e a outra metade olhando o retrato no medalhão. Precisava de um jarro inteiro de chá forte para conseguir pensar com clareza.

Ainda revolia mentalmente o acontecimento noturno quando me dirigi à cozinha. Em geral, os príncipes não se ocupavam de nada sozinhos, nem sequer da sua higiene. E, certamente, não iriam buscar comida e bebida. Os criados faziam tudo por nós. Trabalhavam sem cessar. Mais de metade da população do palácio era constituída por criados de algum tipo: assistentes de balneário, cozinheiros, criadas de quarto, jardineiros. Estavam por toda a parte. Ou melhor, por toda a parte menos nos meus aposentos. Talvez o problema fosse meu, com a suspeição a aumentar com a idade, ou talvez fosse pelas muitas intrigas envolvendo criados que presenciara ao longo do tempo. Independentemente da justificação, quebrara a tradição anos antes e decidira não ter criados, pois facilmente eram aliciados para a traição. Não seria necessariamente por defeito de personalidade, mas não haveria dificuldade em convencê-los pela força. Por isso, preferia ir buscar as minhas refeições e solicitar serviços aos criados do palácio sempre que deles necessitava, em vez de ter um espião em potência permanentemente comigo.

Saindo do longo corredor branco da secção mais antiga do palácio, entrei na secção de construção mais recente e ornamentada. Ali, em vez de janelas simples, as paredes eram abertas em complexos rendilhados cor de ouro. Garridas representações de

penas de pavão reluzindo em azul, verde e dourado decoravam as paredes.

Sabendo que seguiria por aquele caminho, optara por usar calças simples, camisa e cafetã do mesmo azul esverdeado das paredes. Naquela manhã, queria ser invisível. Não me sentia capaz de tentar ser mediano, o que não era simples. Se alguém parecesse demasiado forte, poderia ser visto como ameaça, mas parecer demasiado fraco implicava ser um alvo fácil. O equilíbrio era delicado, como caminhar no gume de uma espada.

Entrei no salão do registo. Como sempre, os meus olhos caíram sobre a moldura dourada e o belíssimo pergaminho de cor creme. O nome e estatuto de cada príncipe estavam inscritos no registo com caligrafia elaborada. Vi que um borrão negro cobria o nome do pobre Hamed, indicando a sua morte. O registo era atualizado diariamente. No dia seguinte, o nome de Hamed desapareceria e os nomes abaixo do seu seriam intensamente movidos até se fixarem numa posição permanente. Os estatutos tendiam a flutuar dependendo da quantidade de ouro entregue pelas mães de cada príncipe ao tabelião. Claro que o sultão poderia pôr cobro a tal prática a qualquer momento, mas muito poucos sultões o tinham feito. E o nosso pai também não o fazia. Por esse motivo, os estatutos tinham deixado de ser fidedignos. Incluindo o meu. Deveria ocupar a quadragésima quarta posição em vez da quinquagésima quinta, mas, porque não tive ninguém que subornasse o tabelião, era inevitável que o meu estatuto baixasse. Não que importasse. Dizia-se que o tabelião mantinha escondida uma cópia não alterada do registo e que seria essa a que o meu pai acabaria por consultar. Mas a maioria dos príncipes acreditava que compararia as duas versões e escolheria o príncipe que mais tivesse subido. Outro rumor frequente dizia que o registo era inútil e que apenas os atos de cada um contavam e que eram todos registados pelo grão-vizir. Era nesse rumor que acreditava.

Encolhi os ombros e apressei o passo. Na minha pressa, contornei depressa demais a esquina que conduzia ao Salão Nobre e colidi com o meu irmão Darius.

— Vê por onde andas! — resmungou Darius.

Sem perder tempo, recuei e curvei-me numa vénia, mais por prudência do que por respeito. Darius era o mais poderoso de todos os meus irmãos e, na minha opinião, era o mais perigoso. Nenhum outro tinha igual número de mortes ligado ao seu nome. Amaldiçoei-me por cometer um erro tão facilmente evitável. Darius não era difícil de ver. Ao contrário do que sucedia comigo, queria dar nas vistas e vestia-se a preceito: roupas garridas de seda vermelha, turbante enorme e cafetã demasiado acolchoado. Qualquer coisa que lhe permitisse parecer maior do que era na realidade. E a amplitude da cintura não seria, certamente, constituída por gordura, mas sim por camadas sobrepostas de seda. Darius era demasiado inteligente para permitir que o seu corpo se tornasse gordo e lento.

— As minhas mais sinceras desculpas, irmão — disse-lhe.

Darius não replicou. Limitou-se a olhar-me estreitando os olhos. Achei que era mau sinal. Mas, pensando melhor, Darius olhava-me sempre daquela forma, como se bastasse a minha proximidade para o ofender. Era frequente questionar-me sobre o incidente que teria motivado tamanha antipatia e, com o tempo, o sentimento tornou-se recíproco. Teria sido algo que sucedera na nossa juventude. Lentamente, Darius ergueu o seu nariz aquilino no ar. Não herdara o perfil clássico dos Ban, um perfil sem mácula que me orgulhava de exibir e o motivo pelo qual a maioria dos retratos dos nossos antepassados os mostravam vistos de lado. Mesmo assim, Darius era formoso apesar do seu perfil de ave de rapina, ou talvez precisamente por causa dele. Não conseguia perceber qual destas hipóteses seria mais provável. Mas havia algo que era certo. Darius conhecia o seu encanto e não esconderia o rosto com uma barba cheia ou apenas despontando. Os homens barbeados estavam em minoria no palácio. As barbas sempre tinham feito parte do aspeto tradicional de um príncipe telfariano. A opção de Darius pela ausência de barba seria apenas mais uma forma de dar nas vistas?

Continuava a pensar no assunto quando Darius tornou pequeno o espaço que nos separava, cobrindo-me com a sua grande sombra.

— Golpeaste-me — disse.

— Foi um acidente. Lamento muito. — As minhas palavras não poderiam ser mais sinceras.

— Ah, sim? — disse ele. — Por algum motivo, não acredito em ti.

Senti um aperto no estômago. Sabia o que aí viria. Um duelo para aplacar a sua honra manchada. Maldição!

O homicídio era proibido na Jaula. Quem fosse apanhado em flagrante poderia perder o estatuto. Mas, se fosse ofendido, um príncipe poderia matar um irmão em combate honrado, desde que fosse supervisionado e autorizado pelo grão-vizir. Infelizmente, os príncipes ofendiam-se por qualquer coisa. E, apesar de se terem passado meses desde o duelo anterior, recordava uma semana em que houvera três por dia. Muitos dos meus irmãos conheceram o fim das suas vidas nessa semana. Teria chegado a minha vez?

Nesse momento, notei um grupo que se aproximava por trás de Darius. Era composto por dezoito irmãos e pelos seus criados pessoais. Eram a corte de Darius e seguiam-no para onde fosse. Jurar lealdade a um irmão poderoso era uma forma de evitar confrontá-lo em duelo e de assegurar a sobrevivência quando fosse coroado. Observei-os enquanto nos rodeavam. Vestidos de acordo com os mesmos padrões vibrantes definidos por Darius, os meus irmãos assemelhavam-se a um bando de aves exóticas. Olhei as minhas roupas enfadonhas e pensei: *Corvo*.

Com um suspiro de resignação, tornei a olhar Darius.

Esboçou um sorriso de predador.

Preparava-me para ouvir as palavras «ofendeste-me», quando alguém atrás de mim disse:

— Ei! Estão a bloquear o caminho para a cozinha.

Olhei sobre o ombro e vi que se aproximavam Ibrahim e a sua corte. Como segundo irmão mais poderoso, Ibrahim tinha quinze apoiantes na sua corte. Dizia-se que era o preferido do nosso pai e que seria o candidato mais provável a tornar-se o próximo sultão. Alto e de pele clara, preferia vestir-se de cinzento-escuro. O seu cafetã era debruado a pelo de raposa

negra e trazia sempre um sabre cravado com joias pendurado do cinto.

Os olhos de Ibrahim saltaram sobre mim e repousaram em Darius. Sorriu enquanto torcia a ponta do bigode encerado, um gesto que repetia com frequência. Ibrahim orgulhava-se muito do seu farto bigode.

— Estás no meu caminho, Darius — disse.

— Estou sempre no teu caminho. Isso não é novidade — replicou Darius. — Terás de esperar, Ibrahim. Tenho aqui um assunto para resolver.

Ibrahim franziu a testa.

— Assunto com quem? — Lançou-me um olhar de desprezo. Decidira há muito que não constituía ameaça. Na sua opinião, quase não conseguia sequer ser um vago incómodo. Mesmo assim, ter o seu olhar frio e calculista sobre mim não era agradável. — Certamente não será com Amir, o nosso irmão estudioso! — exclamou. Em seguida, irrompeu em riso.

Os seus apoiantes pareciam inseguros quanto ao que fazer, mas, porque o domínio sobre eles exercido por Ibrahim assentava no medo e na violência, seguiram o seu exemplo e também riram.

Vendo ali uma oportunidade, voltei-me para Darius.

— Talvez possamos continuar o diálogo noutra dia.

Com expressão tensa, vi-o esboçar um aceno quase impercetível. Bastava-me. Afastei-me, apressado, deixando as duas fações a confrontarem-se. Foi só depois de colocar três esquinas do corredor entre mim e os meus irmãos que me permiti uma pausa.

Apesar de ser feroz como um cão raivoso, não receava Ibrahim. Não o receava muito, pelo menos. Mas Darius preocupava-me. Era inteligente e via todos os que o rodeavam como rivais em potência. Eu incluído. Achei que essa atitude derivaria do facto de não ter uma mãe influente e de estatuto elevado. Tal como eu e muitos outros príncipes, Darius era o produto da «paixão de uma noite», como lhe chamavam. Nenhum de nós conhecia a identidade ou o paradeiro das nossas mães. Criados

por eunucos e servos do palácio, e educados por tutores, príncipes como nós precisavam de ser inteligentes para escapar às intrigas palacianas. Revelar demasiada inteligência e potencial em tenra idade era perigoso. Frequentemente, os príncipes inteligentes sem mãe acabavam por morrer novos. Em contraste, a infância de Ibrahim fora fácil e protegida. Filho de uma sultana, uma das quatro esposas oficiais do sultão, fora criado na segurança dos aposentos reais juntamente com os quatro irmãos. Os cinco formavam uma verdadeira potência. Uma potência cruel e mortífera.

Suspirei. Alguns anos antes, ter-me-ia juntado à corte de Darius se mo tivesse pedido. Agora, era demasiado tarde. Tinham acontecido coisas entre nós que não tinham remédio. Podia apenas esperar o dia em que Ibrahim e Darius se confrontariam. Infelizmente, tal dia estava ainda distante. De momento, contentavam-se em rosnar um ao outro enquanto eliminavam irmãos mais fracos ou os forçavam a aceitar uma aliança. *Basta de erros, Amir. Ficaré atento a ti.* Com aquilo em mente, avancei para a cozinha.



Transportando comida para dois dias e três pessoas, pus-me a caminho da minha torre. Não me cabia alimentar os meus irmãos dementes. Se não o fizesse, os criados ocupar-se-iam da tarefa. No entanto, Mir e Jafer poderiam recusar comida de estranhos, sobretudo Mir, porque a sua desconfiança era ainda mais forte do que a minha, e devia-lhes o favor de me guardarem a porta. Fazia-o de bom grado.

Subindo cuidadosamente cada degrau, alcancei o topo da escadaria sem deixar cair nada. A enorme bandeja de prata que segurava com as duas mãos vergava com o peso de toda a comida. O aroma do guisado de açafão e ervas provocava-me o olfato enquanto caminhava. Senti que o estômago começava a rugir. Ignorei-o e olhei em frente. Passando pelo espelho alto que colocara ao fundo do corredor que conduzia aos meus aposentos

(para conseguir ver quem se aproximasse do postigo da porta), olhei-me. Assemelhava-me mais a um criado de cozinha do que a um príncipe. Sorri. *Era bastante bom*, pensei, antes de me dirigir à porta de Jafer.

Começou a gritar e a uivar de imediato.

— Sou eu, Jafer — disse-lhe. — Trago-te comida.

Acalmando-se, Jafer aproximou-se da grade partida que cobria o postigo da sua porta. Os olhos castanhos estavam amplos e vidrados. Os círculos negros que os rodeavam pareciam mais carregados do que era habitual. Fizeram questionar-me quando teria dormido pela última vez. Entristecia-me vê-lo daquela forma. Se tivesse saúde, Jafer seria um concorrente sério para Darius. Apenas alguns anos antes, Jafer fora belo, inteligente e forte. Suspirei. Apenas alguns anos antes, não era louco.

— O mal rodeia-nos. O seu fedor está por toda a parte. — A sua voz estava rouca de tanto gritar. — Demónios! Demónios escondidos em nuvens negras. Ouço-os. Ouço-os falar constantemente. As suas vozes são terríveis. Tão terríveis!

— Eu sei — disse-lhe. — Darei o meu melhor para os afugentar.

A deterioração da mente de Jafer começara nos últimos anos da sua adolescência. Até enlouquecer por completo. Concordar com ele e oferecer-lhe ajuda eram as únicas coisas capazes de o acalmar... mas apenas parcialmente. Jafer precisava de ser mantido preso porque podia tornar-se violento de um momento para o outro. Mas, na maior parte do tempo, apenas se magoava a si próprio e não se lhe podia confiar nada mais aguçado do que uma colher de madeira. Certa vez, encontrou uma adaga e tentou apunhalar-se nos ouvidos para parar a voz que ouvia na sua cabeça. Jafer também era assolado por visões ou, como alguns lhes chamam, «profecias». Na minha opinião, isso estaria mais relacionado com a falta de sono e com a má digestão do que com qualquer outra coisa. Tais ataques de delírio eram usualmente anunciados por um intenso odor adocicado erguendo-se de todo o seu corpo. Não havia sinais do odor no ar naquele momento e, por isso, abri a portinhola da sua porta e passei-lhe vários pratos

de comida: arroz pilau e galinha assada, taças de azeitonas, tâmaras e alperces e dois pães. Não lhe trouxe água. Todos os quartos do palácio tinham uma fonte privativa. Quando terminei, desejei-lhe bom dia e aproximei-me da porta de Mir.

Mir era mais calmo do que Jafer e a sua porta trancava-se por dentro e não por fora. Barricara-se no interior três anos antes, acreditando que todos os ocupantes do palácio pretendiam matá-lo. E não estava muito longe da verdade. Para alguns, a vida na Jaula era intolerável. Mir era um dos que se mostrava incapaz de suportar as ameaças e intrigas constantes. Apesar de a tensão não o ter levado ao suicídio, como sucedera a muitos, vivia num terror permanente.

Bati à porta e aguardei. Sabia que Mir estava do outro lado, colado à porta, à escuta.

— Mir... se não abres depressa, vou-me.

O postigo de Mir abriu-se. Olhos negros intensos fitaram-me.

— Estás sozinho?

— Sim.

— Seguiram-te?

— Não. Fui cuidadoso. — Tentei não sorrir. Mir fazia sempre as mesmas perguntas.

A ranhura abriu-se com um estalido metálico. Comecei a fazer passar os pratos.

— Isto não está certo — disse Mir, após o segundo prato de fruta e queijo. Mir adorava queijo de cabra. (Suspeitava que fosse essa a origem do cheiro pestilento que lhe saía do quarto: restos de queijo e ausência de limpezas). — Há demasiada comida. O que se passa?

Suspirei.

— Nada. Não saio do quarto amanhã. É apenas por isso.

Uma névoa de suspeição surgiu nos olhos de Mir.

— Porquê?

Enquanto procurava uma explicação tranquilizante que pudesse dar ao meu irmão, notei um objecto brilhante no chão. Um reluzente guizo de latão.

— Que faz este guizo no corredor? — perguntei, erguendo-o.

— O MAL... o seu fedor está por toda a parte! — gritou Jafer do seu quarto.

— Não há mal algum, Jafer. Por favor, não te preocupes — disse, com um tom de voz que pretendi ligeiro. Guardando o guizo no bolso, acrescentei: — Tu também não, Mir. Vou ficar no quarto para trabalhar. Para estudar.

— Mentiroso! — disse Mir. Nunca conseguia enganá-lo. Não sabia porque continuava a tentar. Talvez por teimosia. — Há uma conspiração, não é? — prosseguiu. — Foi por isso que aquele homem veio ver-te... para conspirar! Para conspirar contra nós!

Franzi a testa.

— Que homem? De que falas?

Mir pestanejou repetidamente.

— Um homem veio depois de partires. Entrou no teu quarto. Ouvei ruídos. E depois partiu.

Olhei a minha porta e tornei a olhar Mir.

— Quem era? Que aspeto tinha?

— Não sei como se chama. Era alto e pálido. Não era um criado... Era um irmão.

— Era louro?

— Talvez. É impossível perceber o que se esconde por baixo de um turbante. — Em seguida, Mir fechou o postigo.

Corri para a minha porta e descobri-a destrancada. Com a bandeja de prata em equilíbrio precário numa mão e a espada na outra, empurrei a porta com um pé.

Estremeci. Os meus aposentos tinham sido revoltados. Centenas de livros amontoavam-se sobre os tapetes. A minha secretária fora lançada ao chão e o tinteiro entornara-se sobre as almofadas, manchando os seus ricos bordados. Segui o rasto do caos até à entrada do quarto. Também aquela divisão se encontrava no mesmo estado. Agoniado, voltei-me de imediato e olhei a escadaria em espiral ao fundo da minha sala de leitura. Com um esgar, apercebi-me de que o piso superior

da minha biblioteca se encontraria em idêntico estado de devastação. Uma mancha negra flutuando na fonte captou-me a atenção. Algo flutuava dentro da bacia de cerâmica azul e dourada.

Praguejando entredentes, pousei a bandeja no parapeito da janela e corri para a fonte.

— Aaah... o maldito! — exclamei, pescando uma brochura rara e preciosa da água. Estava arruinada. As iluminuras minuciosas estavam borradas, a encadernação a couro com letras douradas em relevo que protegia os versos sublimes estava encharcada... Nada poderia ser aproveitado. Torcendo a brochura, olhei o quarto. A raiva dominou-me. Estava tão furioso que poderia ter gritado, mas, ao invés, caminhei até à secretária e endireitei-a. *Vou levar um dia inteiro a arrumar tudo isto... Será melhor começar.*

Dirigi-me para a bandeja e parei para admirar a vista da janela, para uma torre idêntica à minha. Enquanto fitava a parede de pedra creme, inspirei profundamente por diversas vezes. A vista era aborrecida e, no entanto, a ausência de interesse era também tranquilizante. Os meus momentos de maior tormento eram frequentemente passados junto àquela janela. Na Jaula, encontrava-se conforto onde este pudesse existir.

Assim que acalmei parcialmente a fúria, baixei-me para a bandeja. Dessa posição, conseguia ver o pátio do mausoléu, além da torre em diante. Por aquele estreito espaço entre as torres, vi uma figura indistinta percorrendo o pátio. Chegou-me aos ouvidos o eco de uma melodia distante. Ouvi com atenção. Não havia dúvida. Era o lamento baixo de uma cimara, um instrumento de cordas apenas tocado em cortejos fúnebres. Dizia-se que as notas arrastadas e tristes da cimara duplicavam o som da alma humana. A música do cortejo fúnebre de Hamed eclipsava-se, o que significava que o cortejo deixara o mausoléu há algum tempo. Pelo som, pareciam aproximar-se já do terceiro pátio. Quem seria a figura no pátio do mausoléu? Estiquei-me, mas não consegui ver melhor. Pousei a bandeja sobre a secretária e apressei-me a subir a escadaria em espiral.

— Maldição! — exclamei, assim que vi o caos reinante. — Dois dias de trabalho. No mínimo.

Após uma busca frenética entre as pilhas de livros e rolos de pergaminho espalhados pelo chão, encontrei o meu telescópio. Girei o instrumento nas mãos em pânico total. Estava intacto e a lente preciosa não apresentava mazelas. Expirando de alívio, aproximei-me do armário. No interior, havia prateleiras repletas de antigas placas de barro e dois grandes baús de farmacêutico, colocados um sobre o outro. Peguei no de cima, um pesado bloco de ébano com pequenas gavetas quadradas adornadas com puxadores de marfim, e empurrei-o para o lado. Por trás daquele baú, havia uma velha janela por selar.

Descobrira-a enquanto fazia um inventário do conteúdo do armário. A janela abria diretamente para o mausoléu e para o seu pátio. Era um pátio simples: erva atravessada por um caminho em tijolo que conduzia ao mausoléu, um edifício de mármore branco com porta em arco e telhado de cúpula dourada. A figura erguia-se junto à entrada do mausoléu, com as costas voltadas para mim. Era alto e trazia um turbante branco. Quanto ao resto da indumentária, era de corte estrangeiro. Um casaco curto e calças justas presas abaixo do joelho com uma fita. Para piorar tudo, a roupa era de um medonho tom de azul muito claro, decorado com arabescos prateados. Em minha opinião, tal cor era pouco adequada a um homem. Nesse momento, notei algo na mão do sujeito. Ergui o telescópio até aos olhos. A princípio, tudo estava fora de foco. Após alguns ajustes rápidos, a imagem tornou-se mais definida. Movi o telescópio lentamente, descendo do ombro do homem até à mão. Engoli em seco. Segurava uma tulipa branca. Seria louco? A tulipa branca era o símbolo da dinastia e, como tal, todas pertenciam ao meu pai e apenas era permitido que crescessem num local: o Jardim Imperial das Tulipas Brancas. *Como terá conseguido entrar sem ser visto?* Senti-me perplexo. Completamente perplexo. Não apenas o Jardim das Tulipas Brancas se situava fora da Jaula, como era também um dos locais mais guardados do palácio. Por um bom motivo, já que as tulipas valiam vinte vezes o seu peso em ouro.

Inúmeros conflitos haviam sido travados pela propriedade de um único bolbo de tulipa.

Como se sentisse que o observavam, o homem voltou-se, subitamente. Foquei a minha atenção na sua face. Os olhos eram idênticos aos meus, amendoados e castanhos-claros. Também o nariz era semelhante, reto e estreito. O queixo era mais quadrado do que o meu, e a pele era muito clara e sem qualquer barba ou bigode. Julguei que fosse mais novo e, apesar de não lhe conseguir ver o cabelo, o tom claro das sobrancelhas permitiu-me perceber que era louro.

Baixei o telescópio e fitei-o. Parecia inquieto e não parava de olhar sobre o ombro. Após um momento, deixou de hesitar e entrou no mausoléu.

Permaneci junto à janela, com a cabeça inundada de questões. Quem era? Tive de admitir que me sentia um pouco vexado por este irmão ter conseguido tornar-se mais anónimo do que eu. Como teria saído da Jaula? Não era apenas impossível, era proibido. Quem teria subornado para chegar ali? Entre todas aquelas perguntas, duas coisas pareciam-me claras. Em primeiro lugar, era um dos irmãos. Em segundo... Retirei o medalhão do bolso. Vasculhara os meus aposentos à procura daquilo.



Nos dias que se seguiram ao assalto aos meus aposentos, procurei o irmão louro e alto por toda a Jaula. Procurei em toda a parte e perguntei a todos os que encontrei. Ou melhor, apenas não questionei os meus irmãos. Tudo sem sucesso. O meu irmão louro era bom a ocultar-se.

No terceiro dia, abandonei a busca e regressei à minha rotina, que consistia em estudar as estrelas, ler tomos de poesia e fazer experiências de alquimia. Tentava mesmo fabricar poções. Mas, em vez do elixir fortificante que pretendia fazer, produzi líquidos de cheiro peçonhento, cada um mais malcheiroso que o anterior. Grande parte do meu tempo foi também investida no estudo de venenos variados e seus efeitos. A minha biblioteca albergava um número impressionante de livros sobre o assunto. Tornei a não conseguir encontrar algo que se adequasse aos efeitos vistos em Hamed. Talvez fosse uma mistura de vários venenos. Ou um veneno novo e exótico importado de uma terra estranha e longínqua.

Ignorando propositadamente os muitos volumes de magia negra arrumados nas prateleiras mais altas da biblioteca, continuei a pesquisa pelos livros de botânica. *Terá de haver uma explicação lógica para o frio que rodeava o corpo de Hamed. Uma explicação científica.*

Após passar vários dias curvado sobre os livros, cansei-me de palpites que não levavam a nada. Prometendo a mim mesmo que voltaria ao assunto mais tarde, com a cabeça fresca, pus os volumes de lado e regressei ao meu horário habitual.

Entre o estudo rotineiro e as experiências fracassadas com poções, mantinha-me em boa forma física com exercícios soli-

tários de esgrima. Em cada dia, passava duas horas a praticar esgrima com todos os tipos de espadas. Usando um largo poste de madeira como alvo, golpееi-o de todos os ângulos enquanto mantinha o corpo em movimento constante. Como todos os príncipes da dinastia Ban, fora-me ensinada a arte da esgrima pelos melhores tutores disponíveis. O mestre Sérgio Olivese, que provinha do longínquo reino de Iberse, achava-me particularmente dotado no manuseio do florete, a espada estreita e flexível preferida pelos duelistas. Aos catorze anos, era considerado o melhor esgrimista entre os seus alunos, vencendo irmãos vários anos mais velhos, incluindo Darius, que fora o melhor antes de eu o derrotar. Pensando no assunto à distância, poderia ser aquela a raiz da antipatia que sentia por mim. Talvez tivesse sido um erro vencê-lo. Mas, aos catorze anos, raramente se pesam as consequências dos nossos atos. Nesse tempo, era tão orgulhoso. Lembro-me de caminhar com o peito inflado como um galo novo. Foi antes de aprender que ser o melhor era... mau. Por vezes, ansiava por esses anos despreocupados. Sentia saudades da atenção paternal de mestre Olivese e dos seus sábios conselhos.

Cumprindo a tradição telfariana, as minhas lições de esgrima terminaram quando completei dezasseis anos. No último dia, mestre Olivese disse-me: «Príncipe Amir, agora se inicia a vossa lição mais longa e difícil. Aprender cada movimento da grande arte da esgrima foi o mais fácil. Para vós e para os vossos irmãos, manter a perícia aguçada será o teste mais exigente. Recordai isto, meu príncipe. Todos os talentos que não forem usados esbatem-se e acabam por desaparecer. Não permitais que tal suceda com o vosso.»

Segui o seu conselho. Outros também o fizeram. Mustafa, Darius, Teric e outros irmãos praticavam de forma mais ou menos regular nos pátios da Jaula. No entanto, sabia que praticavam e podia estudar os seus movimentos, mas desconheciam que fazia o mesmo e não podiam avaliar os meus.

O tempo passava na Jaula como em qualquer outra parte. Dias, depois uma semana. Esqueci o meu irmão alto e louro. A busca pelo motivo da morte de Hamed foi lentamente eclipsa-

da por outros assuntos e também acabei por esquecê-la. A minha vida voltou ao que antes era, exceto que passei a ir buscar a comida de noite. Não me atrevera a ir à cozinha durante o dia desde o encontro com Darius. Mesmo que estivesse certo de que ele teria esquecido o nosso «assunto por terminar».

Os sonhos eram a única novidade na minha vida. Todas as noites, a misteriosa beldade do medalhão procurava-me no meu quarto. Nesses sonhos, apenas eu falava. Ela ouvia enquanto eu cantava ou recitava poemas como um apaixonado imbecil. Noutros sonhos, passeávamos lado a lado pelo celebrado Jardim das Tulipas Brancas do palácio. Estes sonhos ocorriam todas as noites, sem falta. Acreditei que, se não passasse tanto tempo a contemplar a sua face encantadora antes de adormecer, a situação poderia alterar-se. Mas, nas primeiras noites em que não abri o medalhão, o que se revelou bastante difícil e exigiu aplicação da maior parte da minha força de vontade, não consegui adormecer. Estava enfeitiçado. Parte da obsessão devia-se ao meu celibato auto-imposto. Trazer uma mulher para a torre, ainda que fosse permitido (a Jaula tinha um harém próprio), acabaria por atrair atenção. Esbocei um esgar de desagrado. Era uma desculpa. O que realmente me impedia era a lembrança de que a minha última visita ao harém terminara em humilhação. Por mais anos que vivesse, nunca esqueceria esse dia. Estava marcado na minha memória. Pensar nele fazia-me sentir um nó no estômago e dava-me vontade de partir qualquer coisa.

Nesse dia de infâmia, quando cheguei ao harém da Jaula, Darius já lá estava, rodeado pelas nossas mulheres mais belas. O que não me surpreendia nada. As mulheres adoravam-no. Suponho que a boa aparência e o estatuto crescente contribuiriam em muito para o seu encanto. Após um breve olhar às mulheres que permaneciam livres, encontrei algumas que não cumpriam os seus requisitos de beleza, mas que cumpriam os meus. Gosto de mulheres pequenas com corpos esbeltos e esguios e membros graciosos. Mas, de cada vez que me aproximava de uma, Darius (que o seu pénis apodreça e caia) estalava os dedos e a mulher prontamente me trocava por ele, mostrando que preferia dormir

no tapete aos pés da sua cama do que no conforto da minha. Todos os presentes se riram. Eu não vi qualquer graça na situação. A minha capacidade de me comportar de forma submissa tinha limites e, nessa noite, estive perto de os ultrapassar. Por um momento, quis esmagar a face vistosa de Darius, trespassar-lhe o ventre com a minha espada. Quis matar o sacana. Depois, recuperei a compostura e saí do harém com passos largos. Não voltara desde então. Achei que seria mais seguro dessa forma. Era frequente que as disputas fossem motivadas pela posse de uma mulher e não pretendia arriscar a vida por me sentir solitário.

Um longo suspiro escapou-me dos lábios. Não tinha companhia feminina há quase três meses. Para um jovem vigoroso como eu, parecia uma eternidade. Aquele estado de frustração era agravado pelas minhas deambulações noturnas. Afastava-me do conforto feminino, mas os meus irmãos não o faziam. O som do seu amor podia ser ouvido em qualquer canto da Jaula. A cada dia que passava, a minha frustração crescia e a minha solidão tornava-se mais profunda. Comecei a ansiar pelos sonhos e depressa dei comigo a ir para a cama mais cedo em cada noite.

Naquela noite específica, o sonho começou da forma habitual, levando-me ao Jardim das Tulipas Brancas, onde, novamente, a beldade do medalhão me aguardava. Uma neblina rodeava-nos como um véu espesso e húmido. Estendi-lhe a mão e, como sempre, estava demasiado longe.

— Aproxima-te — sussurrei. Não houve resposta. Limitou-se a inclinar um pouco a cabeça e a esboçar um sorriso tímido. — Como te chamas? Diz-me, por favor.

Por um breve momento, pensei que, finalmente, fosse falar comigo. Ao invés, fez algo ainda mais surpreendente. Estendeu-me uma rosa. Não fazia ideia de onde a flor viera, mas a oferta deixou-me eufórico. No momento em que aceitei a rosa dos seus dedos delicados, nuvens negras de tempestade cobriram o céu. Ouviu-se um trovão. Um relâmpago atingiu o chão, cegando-me. Quando a minha visão regressou, vi que tinha partido. Estava sozinho. Depois, vi que também as tulipas tinham desaparecido. Olhei em redor, sentindo o pânico crescer. Já não

estava no jardim. Estava... à frente do mausoléu. O ar em meu redor era pesado, escuro e frio. O trovão voltou a soar. Relâmpagos rasgaram o céu, iluminando tudo com uma luz azul prateada. Foi nesse momento que vi sombras negras projetando-se do interior do mausoléu, como as ondas de um mar irado. Uivos prolongados e tenebrosos ecoavam. Senti arrepios na espinha. *Isto está errado*, pensei, enquanto sonhava. *Não devia ser assim. Está errado, errado, errado!* O trovão soou com maior intensidade. O meu coração acelerou-se. Os degraus do mausoléu tornaram-se uma massa de sombras em ebulição. O trovejar atingiu um crescendo. BUM! BUM! BUM!

Engasguei-me, acordando de repente.

BUM! BUM! BUM! Alguém batia à porta e os uivos do meu sonho eram os gritos dos meus irmãos.

Saltando da cama à pressa, bati com um dedo do pé na mesa-de-cabeceira. Uma dor lancinante prolongou-se do dedo ao pé e à canela. Mesmo assim, coxeei até à porta, abrindo o postigo e, sem preocupações de formalidade, gritei:

— Que raio se passa contigo?

O criado do outro lado empalideceu. Um rapaz bochechudo de treze anos vestia o traje de cetim azul dos mensageiros do palácio. Determinado em entregar a sua mensagem, ergueu o queixo. As bochechas pálidas cobriram-se de um vermelho intenso. Engoliu com força.

— Príncipe Amir, fui enviado por mestre Hassan. Solicita a vossa presença no Salão das Flores com a prontidão que vossa alteza considerar conveniente.

Expirou.

Notei que Mir e Jafer haviam parado de gritar. Estava certo de que ambos escutavam com atenção. Depois, ouvi Jafer sussurrar com voz trémula e rouca:

— O mal. O mal negro.

Olhei o rapaz. Interrogá-lo seria tão inútil como interrogar um pombo-correio. Os mensageiros tinham a cabeça quase tão vazia como as aves. De certa forma, a sua ignorância era o motivo para serem usados com frequência nas situações mais delica-

das. O facto de Hassan ter recorrido a um deles para transmitir aquela mensagem não era um bom augúrio.

Vesti-me rapidamente, escolhendo roupas verdes, e segui o mensageiro até ao Salão Nobre. Separámo-nos por baixo da sua cúpula dourada. O rapaz regressou aos aposentos dos mensageiros, enquanto percorria os corredores decorados com arcadas até ao Salão das Flores. Alcançando o meu destino, deparei-me com outro augúrio nefasto. Havia dois guardas posicionados de cada lado das majestosas portas trabalhadas do salão. Com uma vénia, abriram-mas sem dizer palavra.

A exuberância do Salão das Flores começava sempre por ser chocante. Coberto com representações de botões de flor gravadas, pintadas ou aplicadas, do teto ao chão, o salão assemelhava-se a um grande ramo caótico composto pelas mãos de uma criança dotada. Assim que os meus olhos se habituaram a tamanha ornamentação, consegui ver os cinco homens que esperavam ao fundo. O meu olhar foi prontamente atraído pelo lençol de algodão branco estendido no chão, como um viajante exausto seria atraído por um oásis. Era óbvio que havia alguém deitado por baixo do lençol. No entanto, havia mais alguma coisa. A forma por baixo do pano parecia estranhamente magra e disforme. Dei um passo para ela. O meu pé embateu em algo. Uma bandeja de prata, vidros partidos e comida espalhavam-se pelo chão. Evitando pisar uma maçã, segui em frente.

— Príncipe Amir — disse Hassan, com uma vénia. Notei que os quatro guardas que o acompanhavam se mostravam mais nervosos com cada passo meu. E, quando os alcancei, recuaram, baixando os olhos. — Deixem-nos — ordenou Hassan. Os guardas obedeceram avidamente, deixando o salão em segundos.

Não pode ser bom, pensei, enquanto as portas eram fechadas. Voltei a olhar o lençol branco.

— Presumo que seja este o motivo para me teres chamado aqui.

Hassan aquiesceu.

— Preparai-vos, príncipe Amir. É medonho.

Ergueu o lençol. Estremeci e dei um passo atrás. Contro-

lei-me antes que o impulso de fuga se tornasse demasiado forte. Nenhum aviso poderia ter-me preparado para tal visão. Chamar-lhe medonha seria um eufemismo. O irmão estendido no chão assemelhava-se a um pedaço de carne seca. Tinha a pele encarquilhada e negra, tornando impossível a sua identificação. Apenas as roupas permitiam perceber o seu estatuto. Cafetã de rica seda turquesa bordada com folhas douradas e debruado a zibelina. O cinto era de prata e, envolvendo o pescoço mirrado, via-se um grosso colar de ouro. Quase me engasguei quando os vi. Cintos e joias eram indicadores claros de estatuto. Sobretudo os cintos. Os príncipes de estatuto mais baixo usavam cintos de linho e algodão. Depois, havia cintos de seda, como o meu e o de Darius, para os príncipes de estatuto médio, de bronze para príncipes de estatuto elevado, habitualmente filhos das favoritas, e de prata para os mais elevados de todos, os filhos das sultanas.

— É o príncipe Mured, nono na linha de sucessão ao trono — explicou Hassan.

— Como sabes? Não consigo reconhecer-lhe a cara.

— O cinto — disse Hassan. — Apenas os dez príncipes de estatuto mais elevado usam cintos de prata maciça. Fizemos uma verificação rápida e era o único que faltava.

— Quem o encontrou?

Hassan esboçou um esgar de desagrado.

— Criados da cozinha. Pediu para lhe trazerem aqui queijo e fruta.

Olhei a comida espalhada no chão e tornei a fitar Hassan. Devo ter parecido confuso porque Hassan explicou de imediato como as coisas se tinham passado.

— Os criados disseram que o príncipe Mured se sentiu mal assim que entraram no salão. Entraram em pânico e chamaram os guardas para ajudar. Os quatro que aqui estavam comigo disseram que tentaram ajudar, mas embateram contra uma parede gélida. Observaram, impotentes, enquanto o príncipe Mured se transformava nesta... nesta coisa.

Olhei o que restava do meu irmão. Mured integrava a corte

de Ibrahim, o rival de Darius, e podia ser obra deste. Mas não se adequava ao estilo do rufia.

— Então quem foi? Quem fez isto? — murmurei. — E como? Como poderia alguém fazer algo tão horrível?

— Com o grão-vizir ainda no Palácio de Verão com o sultão, não faço ideia. Esperei que soubésseis, príncipe Amir.

Abanei a cabeça.

— Não conheço nenhum veneno capaz disto.

Estudei o salão à procura de pistas e não encontrei nenhuma. O único elemento que ligava aquela morte à anterior, além da parede gélida, era a janela, colocada na parede ocidental. *Hamed também morreu perto de uma janela, mas será importante? O palácio tem milhares de janelas e esta está bloqueada por gelsias metálicas decorativas que não permitiriam a passagem de ninguém.* Caminhei até à janela e espreitei pelo ferro forjado.

— Outra vez lua cheia, tal como na noite em que Hamed morreu. Hum... Mas não deverá ter qualquer importância.

— Talvez... — Hassan hesitou, obviamente embaraçado. — Talvez vossa alteza deva buscar respostas fora dos reinos da natureza e da ciência.

Antes que pudesse pedir a Hassan para se explicar melhor, alguém bateu à porta. Um guarda entrou, lançando-me um olhar amedrontado e curvando-se.

— Mestre Hassan, os físicos imperiais estão aqui.

— Que esperem. Ainda não terminámos.

O guarda partiu, depois de me lançar um último olhar de puro horror.

— Hassan, porque me receiam os guardas?

— Acreditam que sois um feiticeiro, alteza. Um yatus, para ser mais preciso. Um domador de demónios e espíritos.

— O quê? — Senti-me chocado. — Porquê? Sabes o que penso da magia. Que fiz eu para merecer tal título?

Hassan calou-se e baixou os olhos para as mãos, que não parava de abrir e fechar. Depois, suspirou longamente e disse:

— Têm corrido rumores pela Jaula durante as últimas semanas. Sobretudo entre os criados... pelo menos a princí-

pio. — Hassan olhou-me. — Dizem que há odores estranhos e terríveis na vossa torre. Que se ouvem ruídos intensos e pancadas todos os dias nos vossos aposentos. — Abanou a cabeça. — Dizem que domais demónios para se ocuparem dos vossos intentos e que agora receais a luz do dia e apenas saís depois de escurecer.

Percebi que tinha a boca escancarada, mas, mesmo assim, levei um momento a fechá-la. Os odores resultavam das minhas experiências falhadas, as pancadas eram os exercícios de esgrima. E, quanto às saídas noturnas, dificilmente seria o único a fazê-las. Como podiam inventar tal história?

— Posso explicar tudo — disse, entre dentes cerrados. — Nada disso está relacionado com magia.

— Acredito em vós, príncipe Amir. Infelizmente, receio que vá piorar. Um dos guardas que testemunhou a morte do príncipe Mured também estava presente quando morreu o príncipe Hamed. Com os rumores que já circulam, o vosso nome foi o primeiro a vir-lhe à ideia e, logo em seguida, a sair-lhe pela boca. Quando fui chamado ao local do crime, a história da morte dos vossos irmãos, aliada aos vossos comportamentos suspeitos, espalhou-se entre guardas, cozinheiras e criadas de quarto. É provável que já tenha alcançado o harém. — A expressão de Hassan entristeceu. — Creio que, quando o dia romper, todo o palácio saberá.

— Há mais alguma coisa, não há? Há algo que não me constate. — Fitei Hassan nos olhos. Suportou o meu olhar durante um breve instante. O brilho apologético que percebia no seu olhar não me tranquilizou.

— Príncipe Amir, todos pensam que sois o culpado por estes crimes.

Apesar de saber o que ia dizer, as palavras conseguiram, mesmo assim, dar-me a volta ao estômago. Olhei o que restava do meu irmão. Talvez Hassan estivesse certo. Talvez devesse procurar fora do reino da ciência. Não contive uma careta. Talvez devesse procurar na magia.



Naquela manhã, saí para a cozinha muito cedo. Depois do que Hassan me dissera na noite anterior, achei melhor pôr cobro às minhas deambulações noturnas, pelo menos durante algum tempo. Desci as escadas dois degraus de cada vez e virei à esquerda, em direção ao Salão Nobre, onde a maioria dos príncipes fazia as suas refeições. Quando entrei no grande espaço, todas as conversas pararam e as dúzias de irmãos dispersos pelo local com os seus grupos de seguidores voltaram os olhares para mim com intensidade assustadora. Ao fundo, alguns mensageiros jovens esticavam-se e debatiam-se para conseguirem ver-me. Tal demonstração de curiosidade era humilhante e enfurecedora. E tive de admitir que também me perturbava bastante. (Quando as pessoas deixam de falar quando entramos é sinal de que estamos em apuros.) Com isto em mente, atravessei o salão tão rapidamente quanto consegui.

Deve ser isto que sentem os leprosos. São desprezados e receados ao mesmo tempo. Como poderiam acreditar que era culpado por crimes tão abomináveis? Quis bradar a minha inocência, mas o meu lado racional ordenou-me a deter a língua e a acelerar o passo. As conversas recomeçaram logo que saí do Salão Nobre. Deparei-me com atitude idêntica, ou mesmo pior, na cozinha. Ali, no entanto, era o medo a emoção dominante e ouvia-se a palavra «yatus» sussurrada em redor.

Estoicamente, observei enquanto uma criada de olhos grandes e receosos colocava a comida sobre a bandeja com mãos trémulas. A viagem de regresso à torre decorreu sem incidentes. O facto de não ter ofendido nenhum dos meus irmãos pelo caminho foi o único elemento positivo da manhã. Mesmo assim, sabia que teria de voltar a sair no mesmo dia. Não tinha hipótese. Precisava de procurar o assassino do meu irmão. Mais do que isso, precisava de provar a minha inocência.

Mais tarde, decidi visitar o cenário dos dois crimes. Fui primeiro ao Salão das Flores, onde ocorrera o mais recente. Tomei

algumas notas e dirigi-me ao velho corredor onde Hamed morrera. Percorri lentamente o longo corredor branco, passando a mão pelo estuque áspero das paredes, estudando cada fissura nos mosaicos do chão. Não encontrei nada.

Com um suspiro, encostei-me junto a uma das janelas e contemplei as dunas douradas do deserto por um breve instante. A seguir, olhei para baixo. Ligando as duas torres, aquela passagem coberta estava suspensa três pisos acima do solo. Ninguém conseguiria trepar até às janelas. *Lá se vai essa opção.*

Um formigueiro familiar na nuca advertiu-me para uma presença.

— Que queres? — perguntei, sem me voltar. Não precisei de o fazer. O cheiro a bolor que saturava o ar provinha sem dúvida do meu irmão louro.

— Conversar contigo — respondeu. Tinha uma voz suave e, no entanto, a sua entoação era extremamente masculina, com cada palavra clara e marcada. Uma voz destinada a ser ouvida em salões apinhados.

Voltei-me, lentamente. O meu palpite estava certo. O meu irmão alto e louro erguia-se a pouca distância. Tinha a cabeça descoberta, permitindo que os caracóis louros dançassem com a brisa fresca que soprava pela passagem. Vestia novamente roupas estrangeiras hediondas: calções apertados no joelho, camisa branca com folhos e um colete justo. Um casaco aberto de mangas largas completava o conjunto. Excetuando a camisa, a indumentária era de uma amarelo intenso que me agonizava. Como se não fosse afronta suficiente ao bom gosto, o fato era feito de cetim. Notei também que a roupagem medonha estava enrugada, como se tivesse dormido vestido... dentro do roupeiro. Pareceu-me magro e cansado, como se há muito não comesse ou repousasse devidamente. Não tivera idêntica aparência quando o vi anteriormente, cerca de um mês antes. Enquanto o observava, uma coisa tornou-se clara. Era mais provável que a rapariga no medalhão fosse a sua mãe. A semelhança era evidente.

— Podemos conversar? — perguntou.

Percebi que a minha mão rodeava de forma possessiva o medalhão que guardava no bolso. *É dele. Não é meu. Devolve-o*, ordenei a mim próprio. *Devolve-lhe o medalhão*. Não serviu de nada. Não conseguia forçar-me a abdicar dele. Não conseguia. Por isso, decidi que, desde que não pedisse o medalhão, ficaria com ele e optaria por não referir a invasão dos meus aposentos por medo de perder um tesouro tão precioso.

— Porque deveria dar ouvidos a algo que tenhas para dizer? — disse-lhe, por fim.

— Porque procuras os culpados pelas mortes dos teus irmãos.

Franzi o sobrolho.

— Tanto quanto sei, podes estar envolvido.

Riu-se, como se tivesse gracejado.

— Mas estou envolvido. Todos estamos... de certa forma.

Aquela atitude não me agradou nada.

— Explica-te melhor ou vou-me embora — disse, cruzando os braços sobre o peito.

A sua expressão tornou-se muito séria.

— Acredito que estamos todos marcados para morrer.

Muito bem. Consegui captar a minha atenção.

— Continua.

— Sabes de duas mortes, mas houve três destes ataques de asfixia gélida. Há dois meses, testemunhei o primeiro. Essa tentativa fracassou. Mas, no mês passado, consegui matar Hamed. Agora foi Mured a morrer e da forma mais horripilante. Percebes a progressão? Quem estiver por trás disto torna-se mais eficiente em provocar a nossa morte... muito mais eficiente.

CAPÍTULO QUATRO



Antes de mais, diz-me o teu nome — pedi, segurando o punho da espada curta presa no cinto e escondida atrás das costas.

O meu irmão louro pestanejou, surpreso, e sorriu como se o facto de não saber o seu nome lhe agradasse.

— Chama-me Erik.

— Erik? — Desagradou-me. — Erik não é um nome dos Ban. Nem sequer é um nome telfariano.

— Amir — disse, com a sua voz suave. — Também tens mais do que um nome, não? O mesmo sucede comigo. E Erik é o que desejo que uses.

Encolhi os ombros. Estava certo. Todos tínhamos pelo menos cinco nomes, cada um ligado a algum título desprovido de sentido. Um dos meus era Omar, Senhor da Sétima Porta de Irabel. Como éramos mais de cem príncipes, apresentar-nos desta forma levava horas... e era extremamente entediante. Felizmente, os nossos nomes completos apenas eram usados em ocasiões muito especiais, como quando um rei estrangeiro visitava o nosso reino.

Estudei a face de Erik, a compleição robusta. Era claro que tinha sangue nórdico. De alguma forma, fazia sentido que o seu nome também fosse nórdico. No entanto, havia algo que não fazia sentido. O seu comportamento. A falta de receio que manifestava.

— Todos no palácio acham que fui eu a matar os nossos irmãos. Alguns acreditam mesmo que sou um yatus e receiam-me. Porque não me receias?

Ruídos ao fundo do corredor fizeram-no voltar o olhar nessa direção, visivelmente nervoso.

— Este sítio não é seguro. Vem comigo e explicar-te-ei porque não te receio.

Segurando o punho da espada com maior firmeza, não me afastei da janela. Limitei-me a olhá-lo, sem saber o que fazer.

— Vamos — disse-me. — Não é a melhor altura para desconfianças. Vês. Estou desarmado.

Erguendo o casaco, Erik voltou-se, mostrando-me que não escondia armas nas costas.

— Vê! Não mintos. Podes largar a espada. Vem. Segue-me. Gesticulou e seguiu-o.

Muito bem, pensei. Se estava disposto a voltar-me as costas, sabendo que estava armado, talvez pudesse segui-lo. Após uma breve hesitação, alcancei-o no corredor. Não me surpreendeu que entrasse no corredor dos criados e, apesar de a descida subsequente à escura e húmida adega ter sido algo intrigante, foi o que se seguiu que me chocou verdadeiramente. Colocando-se de lado, Erik espremeu-se entre dois gigantescos barris de carvalho até alcançar a parede de tijolo atrás deles e esperou aí que me juntasse a ele. Avancei, incapaz de decidir o que era mais sufocante. Se o cheiro intenso a vinho ou o espaço incrivelmente apertado. Custou-me respirar. O meu incómodo aumentou quando percebi que, naquele espaço exíguo, não conseguiria desembainhar a espada. Amaldiçoei a minha estupidez. Porque o seguira até ali? Devia ter pensado melhor. Entretanto, Erik passava os dedos pela parede de tijolo.

— Encontrei! — exclamou. — Não uso este caminho com frequência. Por isso, quando o faço, nunca consigo recordar qual é o tijolo que devo pressionar. — Com aquelas palavras, encostou-se contra a parede. O ar encheu-se com o som de pedra a deslizar contra pedra e, à nossa frente, uma porta abriu-se subitamente para a escuridão. Um cheiro intenso a bolor emanava da porta.

Fitei a sinistra abertura, espantado. Deveria entrar? Hesitei por um instante. O suficiente para os meus olhos se ajustarem à escuridão circundante. Depois, entrei na divisão estreita que se tornara visível além da porta.

— Como descobriste esta passagem?

Erik não conteve um esgar.

— Escondendo-me dos nossos queridos irmãos, claro. — Acendeu um candeeiro. Uma suave luz dourada trepou pelas paredes de ambos os lados, expondo aberturas preenchidas com rolos de pergaminho de todos os tamanhos. Alguns estavam amontoados em cestos no chão e outros formavam pirâmides de equilíbrio precário sobre a enorme secretária à nossa direita. Além de um par de bancos de madeira, a secretária era a única verdadeira peça de mobiliário naquela divisão com a forma de um corredor.

— Que sítio é este? — perguntei.

— O arquivo do arquiteto do palácio. A maior parte destes rolos são plantas das muitas expansões do palácio e dos seus quartos, torres e até das catacumbas.

Desenrolei um dos pergaminhos. Continha desenhos de um pórtico. Os detalhes estavam indicados com perfeição. O desenho registava mesmo, nas margens do pergaminho, as cores que deveriam ser usadas para a decoração.

Erik espregueou-me sobre o ombro e olhou o desenho.

— Ah. O pórtico do Salão do Divã. Usaram motivos de ló-tus em vez das palmeiras verdes aqui representadas.

Abri a boca para perguntar como sabia daquela mudança e voltei a fechá-la. Era óbvio que o plano modificado estaria al-gures numa das outras aberturas. Erik teria estudado todos os pergaminhos. Eu gostaria de poder fazê-lo. Sim. *De bom grado me perderia, estudando-os durante meses ou mesmo anos*, pensei, com um sorriso. Quis permanecer ali durante mais tempo, mas Erik avançava. Com relutância, grande relutância, devolvi o per-gaminho à abertura respetiva e segui-o até à divisão adjacente. Uma sala ampla e quadrada que servira como sala de estar. Ao centro, havia uma mesa baixa e redonda com um tampo de mo-saicos azuis brilhantes. Camadas de tapetes cobriam o chão de pedra e havia almofadas dispostas em redor da mesa. Um canapé preenchia o canto direito, coberto com mais almofadas. Por per-to, erguia-se um alto armário de ébano e, pelas portas entreaber-tas, podia ver pilhas de roupas de cores duvidosas, amontoadas

em desordem. Mirei o fato enrugado amarelo de Erik e tentei não vomitar.

— O que há ali? — Apontei a divisão que se abria à minha direita. O cheiro a bolor e a papel putrefacto que dela saía era particularmente intenso.

— A continuação do arquivo.

— Ah! Então vives aqui? — Era uma pergunta retórica. O que via explicava o cheiro de Erik a papel podre e a sua aparência enrugada.

Acenou afirmativamente.

— É mais seguro do que os meus aposentos oficiais. — Puxando um dos caracóis louros, acrescentou. — Sou um alvo demasiado visível.

Ri-me.

— A tua escolha de vestuário é mais culpada por isso do que o cabelo, irmãozinho.

Parecendo surpreso, levou a mão à vestimenta.

— Parece-te que sim?

Precisei de todas as minhas forças para não revirar os olhos. E, por um segundo, questioneei o seu discernimento ou falta dele.

— Esquece isso! Não estou aqui para te dar conselhos de vestuário, apesar de precisares deles, mas para ouvir o que sabes sobre os homicídios dos nossos irmãos.

— Sentemo-nos e contar-te-ei tudo o que sei.

Quando nos instalámos entre as suas muitas almofadas, Erik começou:

— Há dois meses, conversava com o nosso irmão Rashid no Salão da Fonte Azul quando, subitamente, ele começou a debater-se com falta de ar. Tentei ajudá-lo e embati contra uma parede de gelo. Consegui ultrapassá-la e Rashid recomeçou a respirar. Acreditei que fosse uma bizzarria sem importância e acabei por esquecer o episódio até Hamed faltar a um dos nossos encontros. Receando que pudesse ter caído numa das armadilhas dos nossos irmãos, fui à sua procura. Quando o encontrei, estava morto e acompanhado por ti e por Hassan. Sem saber o que fazer, escondi-me no nicho e observei.

— Viste-me quebrar o encanto sobre o corpo de Hamed, tal como fizeste com Rashid.

Erik acenou.

— Penso que, sem a nossa intervenção, Rashid e Hamed teriam ambos acabado como Mured. Reduzidos a pedaços de carne seca.

Fitei-o nos olhos.

— Os outros acreditam que sou culpado por estes crimes. Porque não partilhas a sua opinião?

Encolheu os ombros.

— Não és um assassino! Observo-te com frequência. Conheço-te. Manténs-te discreto, como eu. Temos isso em comum, além do nosso pai. Há muito que desejava conversar contigo. Mas não sabia como abordar-te.

Acenei em concordância. Pensei que a prudência era outro elemento que tínhamos em comum. Abordar um irmão era uma operação delicada e arriscada. Fora sensato em esperar. A desconfiança que sentia para com aquele irmão atenuou-se. Senti-me descontrair, mas apenas durante poucos segundos. As coisas agradáveis parecem nunca durar.

Uma sombra cruzou o corredor à minha direita e fez-me erguer. Desembainhei a espada sem sequer pensar.

— NÃO! — gritou Erik. Rebolando para o lado, segurou algo que escondia debaixo do tapete e lançou-o para a frente no momento em que golpeava a sombra com a espada. Faíscas voaram quando a minha espada foi travada pela extremidade da longa espada nórdica de Erik, a que chamavam *Claymore*.

Com um gemido amedrontado, a sombra avançou para a luz. Era um criado magro e jovem. Se Erik tivesse usado um sabre telfariano, que era muito mais curto do que a espada nórdica, teria trespassado o rapaz. O criado permaneceu imóvel, com as duas mãos unidas sobre o nariz. Os olhos verdes, o único elemento visível da sua face, estavam arregalados de medo. Quebrando a imobilidade, o rapaz voltou-se e fugiu, deixando-me perante Erik, cada um empunhando a sua espada.

Não recuei, de olhos fixos na *Claymore*. Era eu o elemento

mais vulnerável do confronto. A sua arma era superior à minha. Se tivesse o florete na mão em vez da espada curta, teria pensado de outra forma. E, apesar de me julgar mais rápido, Erik também revelara rapidez. Para meu profundo espanto, vi-o baixar a espada e deixá-la cair sobre uma almofada. Foi o gesto mais estúpido que presenciei em toda a minha vida. Largar a arma era algo que nunca se devia fazer em qualquer circunstância. Fazê-lo diante de um irmão armado... Abanei a cabeça, censurando a sua leviandade.

— Amir, baixa a espada, por favor — pediu Erik. — Rami é o meu leal servidor. Não podia permitir que o magoasses. O rapaz não constitui qualquer perigo. Um sopro basta para o derrubar.

— Não é o rapaz que me preocupa, irmãozinho.

Erik sorriu.

— É a segunda vez que me chamas irmãozinho, apesar de ser um palmo mais alto que tu.

— Acredito que sejas mais novo do que eu.

— Correto! Separam-nos dois anos. Sou realmente o teu irmãozinho e talvez o tempo te permita confiar em mim de forma adequada ao parentesco.

Daquela vez, não evitei revirar os olhos. Fi-lo duas vezes. Não lhe teriam dito que não se podia confiar em ninguém no palácio, sobretudo nos irmãos? Suponho que não. Decidi que passara tempo suficiente com o imbecil. Sem acrescentar uma palavra, regresssei à minha torre.



O dia seguinte começou de forma bastante prazenteira. O tempo estava agradável, restava-me bastante comida e não precisaria de ir à cozinha. Ansiava pela pesquisa que poderia fazer. Retirara já das estantes alguns dos livros de magia que integravam a minha biblioteca e levei-os até à sala de leitura para me dedicar ao trabalho. A tarde estava a começar quando a sorte me abandonou.

Gritos e uivos dilacerantes de Jafer seguidos por uma sequência dos insultos mais obscenos de Mir anunciaram a presença de alguém à minha porta. Senti o coração dar um salto com a terrível certeza de que outro dos meus irmãos morreria. O rosto de Erik veio-me à ideia. Seguiram-se visões do seu corpo mirrado e encolhido. Alguém tão ingénuo, para não dizer estúpido, acabaria por morrer, mais cedo ou mais tarde. E seria provável que ocorresse mais cedo. Estava morto. Tinha a certeza. Por isso, quando espirei pelo postigo, senti-me atordoado por vê-lo ali, vestido como um enlouquecido beduíno do deserto. Camadas sobrepostas de algodão e musselina esvoaçante cobriam-lhe o corpo dos pés à cabeça. E a cor era um verde claro e ofuscante. *Onde encontrará ele coisas tão feias?*

Por um breve instante, questionei-me se não teria encontrado outro irmão mentalmente instável. Por algum motivo, parecia atraí-los como o mel atrai moscas.

— Boa tarde, Amir — disse Erik, erguendo a voz acima dos gritos e insultos dos meus irmãos inquietos. — Posso entrar? — Com um esgar, olhou sobre o ombro. — São sempre assim? É horrível.

Senti-me demasiado abalado pela sua presença à minha porta para conseguir responder de imediato. Nenhum de nós procurava outros irmãos. Era o equivalente a procurar sarilhos. Pensei que revelava grande coragem ou uma total ausência de juízo. Decidi-me pela segunda hipótese.

— Porque vieste? — perguntei, num tom ríspido.

— Para te ajudar a resolver o mistério da morte dos nossos irmãos — declarou Erik, com a face ornada por um sorriso amplo e tolo.

— Não! — ripostei. — De modo algum! Vai-te embora.

— Porque não? Posso ser-te útil. Certamente, mais do que Mir e Jafer.

O meu desagrado manifestou-se num grunhido.

— Guardam-me a porta com grande competência. Quanto a ti, não vejo como podes ajudar-me. Nem sequer consegues vestir-te de forma adequada. Começa por aprender a fazê-lo. —

Os meus comentários não conseguiram provocar qualquer mudança em Erik. Nem sequer se moveu. — És surdo? — perguntei.

Abanou a cabeça, mantendo o sorriso imbecil na cara.

— Podemos ajudar-nos mutuamente. Trocar ideias. Rami poderá ocupar-se das tuas tarefas. Assim, terás mais tempo para os teus estudos. Podemos praticar esgrima. Até posso deixar-te ganhar.

— O QUÊ?! — repliquei, cerrando os dentes. Não conseguia acreditar na audácia do idiota. Abri mais a porta e aproximei-me dele. — Irmãozinho, parte agora, antes que me ofendas ao ponto de exigir reparação.

Pestaneou e o sorriso tolo desapareceu.

— Não tive qualquer intenção de te insultar. Peço desculpa, irmão. — Com expressão solene, curvou-se diante de mim, manifestando o mais profundo respeito. O que era invulgar, pois os príncipes costumavam limitar-se a trocar acenos de cabeça. Quando se endireitou, vi que sorria novamente. — Deixar-te-ei, como desejas. Mas regressarei amanhã e no dia seguinte. Continuarei a bater à tua porta até que aceites o meu auxílio.

Voltando-se para partir, Erik recuou dois passos, parou à frente da porta de Jafer e inclinou a cabeça.

— Faz ruídos estranhos. É normal?

Levei segundos a alcançá-lo. Colei o ouvido à porta de Jafer. Ouvi engasgos no interior.

— Está outra vez a engolir a língua.

Em pânico, abri a tranca de metal que fechava a porta e abri-a.

— Não! — exclamei, vendo o meu irmão.

Jafer estava caído contra a ombreira da porta e o seu corpo parecia mole e inerte como uma pilha de roupa molhada. A face tornava-se azul. Sem perder tempo, enfiei-lhe os dedos na boca para desimpedir as vias respiratórias. Jafer engasgou-se de forma mais ruidosa e, para meu completo alívio, começou a inspirar. A cara não tardou a readquirir uma coloração próxima da normalidade, mas os olhos permaneceram revirados.

Notei que Erik continuava ali. Atravessava-se na porta, fitando-me com olhos arregalados.

— Ficaré bom — disse-lhe, amparando o tronco de Jafer contra o meu. — É melhor que vás, Erik. A tua presença não ajuda.

Erik aquiesceu e saiu sem argumentar.

Levei Jafer para o interior do quarto, o que não era fácil, por ter a mesma estatura de Darius. Uma parte de mim, a mais prática, lamentou que Erik partisse tão cedo. Poderia ter-me ajudado a suportar o corpo inerte de Jafer. Mas não havia nada a fazer. Depois de grande esforço, consegui, finalmente, deitá-lo no seu sofá e o ar que o rodeava tornou-se doentio com o cheiro a doces.

Jafer endireitou-se repentinamente. Olhando o vazio, começou a falar.

— A linhagem será interrompida. Nuvens... formando-se em redor da nova linhagem. — Engasgou-se e salivou pelo canto da boca. Usando a manga, limpei-lhe o queixo. Não havia muito mais que pudesse fazer. Sabia que não devia tentar detê-lo quando se encontrava naquele estado. Nada conseguia travar aqueles... episódios. Não chamaria «profecias» às coisas obscuras e sem sentido que lhe saíam da boca. Havia uma explicação lógica para o seu presente estado. Acreditava que os muitos visitantes que me tinham batido à porta nos dias anteriores acabaram por forçar os nervos já frágeis de Jafer, causando aquele delírio.

Jafer tremeu violentamente.

— A rosa e a tulipa irão unir-se... unir-se... a rosa... sa... — Tão rapidamente quanto se erguera, Jafer deixou-se cair no sofá, completamente exausto. Era como se os devaneios sem sentido lhe esgotassem toda a força. De tal forma que era habitual levar dias a recuperar depois de cada episódio.

Como era habitual, permaneci com ele até sucumbir a um sono pacífico, afastando o perigo de asfixia. De volta aos meus aposentos, também eu me deixei dormir.

Fiel à sua promessa, Erik bateu-me à porta no início da manhã seguinte. Abri antes que o som acordasse Jafer.

— Que foi agora? — resmunguei, esfregando os olhos. Não sentia disposição para lidar com a sua estupidez.

Com expressão séria, Erik estendeu-me uma pequena caixa.

— Fui rude contigo, irmão. Posso apenas esperar que esta pequena oferta ajude a redimir-me a teus olhos.

— Hum... — hesitei, mirando a caixa. Fui apanhado desprevenido pelo presente. Era algo novo. Sendo um príncipe, o palácio fornecia-me tudo. Bastava-me pedir algo e prontamente surgiria, desde que se adequasse ao meu estatuto. (Não era possível pedir um cinto de prata ou todos usariam um. Coisas desse género.) Mas os presentes eram algo de diferente. Nunca recebera um. Nunca. Apenas os príncipes cujas mães permaneciam no palácio recebiam presentes.

Aceitei a caixa com mãos hesitantes. Um trabalho soberbo de esmalte verde, amarelo e branco, decorada por inteiro com um motivo floral intrincado. O peso da caixa surpreendeu-me. Era pesada como um tijolo. Obviamente, haveria algo no interior. Ergui a tampa. No interior, havia um tinteiro, um polvilhador de areia e um aparador de penas, tudo esmaltado a condizer com a caixa. *É demasiado. A caixa, por si só, é uma oferta digna de um rei.*

— Agrada-te? — perguntou Erik, visivelmente satisfeito.

— É belíssimo. Mas... não podes comprar a minha confiança com presentes. — Com relutância, estendi-lhe a caixa.

Erik abanou a cabeça.

— Uma mente tão desconfiada. — Afastou-me a mão. — É um presente e não um suborno. Sei que preciso de conquistar a tua confiança. E a tua amizade.

— Amizade! Não preciso de amigos.

— Não consegues enganar-me com modos rudes, irmão. Sei que existe um fundo de bondade em ti. A forma como cuidas de Mir e Jafer prova-o. E não digas que o fazes porque te guardam a porta. Não sou assim tão estúpido. Fazes muito mais por eles do que admites. Guardas demasiado para ti mesmo, Amir. É esse o teu problema. Nem todos os teus irmãos têm intenções assassinas. Muitos de nós desejam apenas so-

breviver à sucessão e deixar a Jaula... Será assim tão difícil de acreditar?

Não era. Mas os hábitos antigos custavam a perder. Anos de medo e desconfiança não se evaporavam num instante.

Sentindo a minha incerteza, Erik deu um passo atrás e deu uma volta graciosa.

— Como vês, até me vesti de forma enfadonha para ti. Rami escolheu-me as roupas. Faço um esforço... Penso que deverias retribuir.

Pela primeira vez, Erik vestia roupa normal. Tão normal que eu nem dera por isso. Observei o conjunto. Calças largas e colete cor de cobre, camisa de linho de cor creme e uma faixa negra que lhe rodeava a cintura e condizia com as botas. Era... de bom gosto.

Aprovei, com um aceno. Depois, talvez por me sentir solitário, curioso ou ambas as coisas, disse:

— Muito bem. Suponho que poderás entrar. Ah! E, de agora em diante, deixa que seja o rapaz a vestir-te.

CAPÍTULO CINCO



O tempo na companhia de Erik passou rapidamente. De tal forma que, no fim do dia, quando Rami chegou para acompanhar o seu mestre, surpreendeu-me ver que já tinha escurecido. Apesar de Erik se esquivar a algumas das minhas perguntas (sobretudo às que se relacionavam com a sua ascendência, a sua capacidade de permanecer escondido durante tanto tempo e a sua visita ao mausoléu), desviando a conversa para as áreas de interesse que tínhamos em comum (livros, artes e esgrima), soube que haveria outras ocasiões para tornar a questioná-lo e não quis insistir demasiado. Além disso, senti-me um pouco triste por ver que partia. Suponho que me sentia mais solitário do que pensei, e passei o resto da noite recordando os acontecimentos do dia. Fora a primeira vez que convidara alguém para a minha torre. Fazia-me sentir uma mistura desordenada de alegria, incerteza e entusiasmo. Como efeito, nessa noite, não consegui dormir e decidi que precisava de uma ida à cozinha para beber leite quente com mel.

Enquanto me aproximava da entrada da cozinha, um burburinho baixo de conversa alcançou-me os ouvidos. A referência do meu nome fez-me estacar. Espalmando-me contra a parede junto à entrada, ouvi o diálogo entre cozinheiros e criados.

— Não prepara nada de bom. É como vos digo — sussurrou uma voz grave e masculina.

— Sim — replicou uma voz feminina. — O meu amigo Ali, que trabalha no segundo piso, diz que viu o príncipe Amir comandando um génio verde.

Seguiram-se gemidos de medo e gritos de espanto.

— Sim, juro-o — prosseguiu a mulher. — Um génio real,

rodeado por vapor verde e com uma face demasiado bela para ser humana. Ali disse que o príncipe Jafer quase morreu de medo.

Estremeci. As minhas mãos formaram punhos sólidos. *Espiões*. Todos aqueles criados eram espiões da pior espécie: estúpidos, ignorantes e supersticiosos. O génio verde era apenas Erik no seu ridículo traje de beduíno. E não era assim tão belo.

— Chiu — disse alguém. — Ouço passos. Nem mais uma palavra. Mestre Hassan detesta boatos.

— Tranquilizem-se. É apenas Rami — exclamou a voz grave.

Rami! O criado de Erik estava ali. Será que vai esclarecer tudo? Com a curiosidade levada ao extremo, aproximei-me mais da porta.

— Que novas nos trazes, Rami? Espero que sejam suculentas. — O riso ecoou pela cozinha. — Vamos. Não seas tímido. Sabemos que o teu mestre te encarrega de recolher informações. Partilha o que descobriste connosco. É verdade que o sultão adoeceu? Foi por isso que o grão-vizir foi chamado para seu lado com tamanha urgência?

Seguiu-se um longo momento de silêncio. Depois, uma voz baixa, musical e quase feminina disse:

— Sim. É verdade.

— E quanto ao príncipe Amir? É um yatus?

— Um yatus? — repetiu Rami. — É difícil dizer. Mas tem um número suficiente de livros de magia na sua biblioteca.

Espiões! Todos eles! Incluindo Rami. O rapaz não passa de um maldito espião. Por um segundo, quis entrar e corrigir a opinião que tinham de mim. Mas soube que era inútil. Continuariam a preferir acreditar na sua história apetitosa mesmo que fossem confrontados com a verdade aborrecida. Não precisava de explicar as minhas ações a ninguém. Muito menos a criados. Ouvira o suficiente e afastei-me da cozinha. De qualquer forma, tinha perdido a fome. Regressei à torre, atravessando tantos salões e corredores quanto era possível. Precisava de exercício, precisava de libertar a raiva. Por me sentir tão cegamente enraivecido, apenas percebi, quando já estava no interior, que entrara

no salão que permitia passagem ao maior pátio da Jaula. Era o coração da Jaula e, por isso, um local perigoso.

Abrandando o passo, introduzi uma mão sob as pregas folgadas do meu cafetã até onde, nas costas, costumava trazer a espada. Maldição! Não estava lá. Cerrei os dentes, enquanto entoava uma sequência de pragas. *É o que provocam a companhia e a distração. Sarilhos. Pilhas de sarilhos!*

Senti os cabelos da nuca eriçarem-se subitamente. Nesse momento, percebi que não estava sozinho. Pelo canto do olho, notei a presença de duas formas sombrias à direita. Notei outras duas movendo-se à minha esquerda. Sentindo uma presença atrás de mim, voltei-me. Um homem alto erguia-se a poucos passos de distância. Vestindo a túnica larga das tribos nômadas do deserto, trazia a cabeça e o rosto cobertos pelo tradicional pano solto, destinado a proteger da areia soprada pelo vento, deixando apenas os olhos expostos. Baixei o olhar para a arma que segurava na mão. Senti as sobrancelhas erguerem-se ao ver a esfera coberta de espigões na extremidade da haste de metal. *Uma maçã! Quem luta com uma maçã hoje em dia?*

Olhei rapidamente em redor e vi que os outros quatro homens que me tinham rodeado estavam também vestidos de forma similar. As vestes negras esvoaçantes impossibilitavam que os reconhecesse pela cara ou mesmo pelo corpo. *Sacanas espertos!* Aquela emboscada fora bem preparada. Mas por quem? Que membros da minha família desejariam de tal forma a minha morte que estariam prontos a planear um ataque não autorizado, arriscando-se a perder o estatuto?

Para de pensar e age, a não ser que queiras morrer agora, gritou uma voz na minha cabeça. Em desespero, procurei em redor algo que pudesse usar como arma. Os meus olhos caíram sobre um alto castiçal de ferro à minha esquerda. O homem mais alto lançou-se sobre mim nesse momento, erguendo a maçã com facilidade desconcertante. Rodopiei agilmente até ao castiçal. Falhando a minha cabeça por muito pouco, a maçã embateu contra o piso de mármore, estilhaçando os magníficos mosaicos azuis. Enquanto me afastava do homem com a maçã, outra figura

sombria correu para mim, erguendo um sabre acima da cabeça. Segurando o castiçal pela haste, usei-o para bloquear o golpe. O choque de metal contra metal provocou faíscas. Empurrei, afastando a lâmina do meu oponente. Entretanto, conseguia ouvir os outros quatro aproximando-se por trás.

Precisava de uma arma e com urgência. Em desespero, pontapeei o meu atacante no estômago. Não me podia dar ao luxo de ser galante.

— Uf! — ouvi-o gemer, enquanto se curvava para diante.

Sem perder tempo, torci-lhe o pulso até largar o sabre. Erguendo-o, defrontei os quatro homens com um sabre numa mão e um castiçal na outra.

Fazendo girar a maça, o mais alto do grupo começou a rodear-me. Os cúmplices seguiram-lhe o exemplo, encolhendo o círculo com cada volta. Ergui as armas, esperando que os meus anos de treino solitário tivessem bastado para me manter a perícia viva. Infelizmente, parte de mim estava consciente da inferioridade numérica inegável e do facto de não haver perícia, por maior que fosse, que bastasse para me salvar. No entanto, estava determinado a provocar tantos danos quanto fosse possível. Decidi que não morreria sozinho, fitando os inimigos que se aproximavam.

Estavam prestes a lançar-se sobre mim, quando uma voz gritou:

— Parem! Ordeno-vos que parem! Parem imediatamente com este combate não autorizado!

Os homens de túnicas negras imobilizaram-se.

O meu olhar voltou-se para as portas mais próximas de acesso ao pátio. O grão-vizir atravessava-se na passagem. Uma figura sombria recortada contra o céu escuro, apenas com a fina linha amarela que debruava o seu cafetã, túnica e turbante negros conseguindo destacá-la do cenário. Bastou um ligeiro gesto da mão para que meia dúzia de guardas imperiais entrassem a correr no salão. Os homens de túnica negra retiraram-se a grande velocidade com os guardas em sua perseguição.

O meu alívio materializou-se num longo suspiro. Baixando

as armas, vi o vizir aproximar-se. Nazir Bey não era um homem de físico impressionante. Era apenas ligeiramente mais alto que eu e, no entanto, sempre que me vira diante dele, não consegui evitar sentir-me minúsculo. A sua presença era dominadora e adequada ao cargo de grão-vizir. O seu olhar era tão frio que conseguia silenciar prontamente a multidão mais ruidosa. E, apesar de Nazir ocupar o segundo posto da hierarquia, a seguir ao meu pai, não era segredo que era ele a governar verdadeiramente o reino. Olhei a face angulosa e morena, esforçando-me para não me focar demasiado no seu nariz longo e estreito.

— Príncipe Amir — disse, quando me alcançou. — Porque não me surpreende ver que sois vós a causa deste... distúrbio?

Deixei a boca abrir-se da forma menos adequada.

— Grão-vizir, fui eu o atacado.

Uma das sobranceiras arqueadas de Nazir ergueu-se.

— Ouvi o contrário. Há quem diga que tendes atacado os vossos irmãos, conseguindo matar dois por recurso à magia negra.

— Boatos! Mentiras! Conhece melhor que ninguém esses assuntos e saberá que essas histórias de magia, maldições e demónios não têm qualquer fundamento. Tais coisas não existem. Não passam de superstição.

Nazir ergueu uma mão, silenciando-me.

— Tendes razão, príncipe Amir. Conheço essas coisas melhor que ninguém e sei que pode ser feito.

Senti o sangue abandonar-me a face. Subitamente, senti-me muito frio.

— Certamente, não acreditará que seria capaz de atos tão vis. De outra forma, não teria vindo em meu auxílio.

O grão-vizir sorriu. Não era algo bonito de se ver.

— Não posso arriscar que o herdeiro legítimo seja afastado do trono por se envolver num combate não autorizado. O próximo sultão deverá subir ao poder sem qualquer dúvida acerca da legitimidade do seu direito a governar. — O grão-vizir fitou-me diretamente nos olhos. Os seus eram tão escuros que era como olhar dois poços sem fundo. — Quando ao homicida

dos príncipes Hamed e Mured, creio que deverá ser enforcado como o assassino que é, e não morrer numa emboscada.

A frieza que me dominara momentos antes desapareceu e sangue quente acorreu-me à cabeça. De repente, sentia o rosto e as orelhas a arder. Sentia-me de tal forma chocado que não conseguia pensar. Não conseguia falar. Mal conseguia respirar. Perante o meu silêncio, o grão-vizir curvou-se numa vénia e deixou o salão.

Estou perdido, pensei, quando fiquei sozinho. A não ser que descubra quem foi o responsável por aquelas mortes, estou perdido.



Como se atreveu a dizer-me aquelas coisas?, pensei, enquanto percorria, apressado, o corredor da Jaula. Podia pedir retração. Afinal, era um príncipe, e o grão-vizir tinha-me insultado. Mas não tinha quaisquer certezas de que a opinião do meu pai me favorecesse a mim e não a ele. Receei correr esse risco. Que era eu para o sultão, além de um dos seus muitos filhos dispensáveis? Não tinha qualquer importância. Nazir, por outro lado, servira-o lealmente por mais tempo do que eu tinha de vida. Confiava nele. Estavam ligados por laços estreitos.

Ainda abalado pelo meu encontro com o grão-vizir, dei comigo a seguir em direção à adega e não à minha torre. Esta percepção serviu para aumentar a minha velocidade. Pleno de raiva e com intenções pouco claras, irrompi pelos aposentos secretos de Erik. Estavam vazios. Observei o amontoado de bizzarrias do meu irmão, em busca de alguma pista (ainda que não soubesse de quê). O meu olhar caiu sobre a divisão adjacente, aquela de onde Rami viera aquando da minha primeira visita ali. Sem qualquer vela ardendo no interior, a porta aberta assemelhava-se à boca negra de alguma criatura monstruosa, esperando a minha entrada na armadilha. *Não o faças*, disse-me o meu instinto. Ignorando o conselho, peguei no candeeiro mais próximo e aproximei-me. Fui atingido por um fedor intenso. Uma mistura de

bolor, papel molhado e couro putrefacto. Tão intensa que quase recuei. Inspirando fundo, forcei-me a entrar.

— Incrível! — Não conseguia acreditar no que via. Livros, de todos os tipos, aos milhares, empilhados do chão ao teto. Cobriam cada parede daquela divisão redonda e semelhante ao interior de uma torre. Ergui o candeeiro bem alto, tentando, sem sucesso, iluminar o teto. Os livros pareciam erguer-se até ao infinito. *Que altura poderia ter a divisão*, pensei. Três andares? Quatro, no mínimo? Iluminando a parede mais próxima, comecei a ler os títulos. Volumes de filosofia pelos grandes mestres, manuais de todas as formas de arte, tomos de aritmética e álgebra. Cada um dos livros era raro e precioso.

Os meus olhos saltaram uma fileira, pousando-se num velho volume encadernado a couro com fechos de latão. Apesar de a escrita na lombada estar parcialmente apagada, reconheci-o como um manuscrito de magia negra. O símbolo da mão negra na lombada não mentia. Sobre este, havia um manual de botânica explicando as muitas utilizações de plantas, ervas e minerais. Aquele manual era usado para fabricar curas e também venenos. Era frequentemente referido em livros da minha biblioteca como sendo o melhor do seu género. Estendia a mão para o manual de botânica quando ouvi alguém entrar na divisão adjacente.

— Depressa! — ouvi. Era a voz de Erik, contendo o riso. — Vem. É a nossa última noite. Não devemos desperdiçá-la.

A última noite para quê? Não sabia a que se referia Erik e, no entanto, a boa disposição transmitida pelo seu tom de voz enfureceu-me. Saí da biblioteca, pronto para confrontá-lo.

Abrindo a boca de espanto, Erik olhou-me como se fosse um fantasma enquanto Rami guinchava e corria a esconder-se num canto escuro.

— Amir, que fazes aqui? — perguntou, logo que conseguiu fechar a boca.

Olhei a silhueta de Rami escondida nas sombras.

— O teu criado trai-te. Espalha rumores e falsidades.

Erik franziu a testa, confuso.

— De que falas?

— Ouvi-o esta noite a espalhar boatos na cozinha acerca do nosso pai e de mim.

— Ah... — tornou Erik. Piscando o olho ao rapaz, continuou: — Rami apenas espalha as notícias que lhe permito. Habitualmente, são informações que já circulam pelo palácio e que, de qualquer forma, chegariam aos criados pela manhã. E a informação que me traz compensa bem a que lhes dá. Rami nunca transmitiria informação pessoal. Confio na sua discrição para guardar os meus segredos. Funciona como os meus olhos e ouvidos fora daqui.

Na minha opinião, Erik era demasiado crédulo. E também demasiado ingénuo. Com a quantidade certa de ouro, o seu criado traí-lo-ia tão depressa como a qualquer outro residente do palácio.

— Pois eu não confio nele nem em ti — disse-lhe. Em seguida, falei-lhe do ataque de que fora vítima, do meu encontro com o grão-vizir e das suas suspeitas a meu respeito. O pior de tudo, para mim, fora que um criado tivesse pensado que Erik era um génio, considerando-me um yatus, um feiticeiro. A mim, que desprezava a magia. E tudo por culpa daquele horrendo traje. Mesmo que Erik parecesse genuinamente surpreendido e preocupado pelo meu infortúnio, continuava a não estar certo de confiar nele. Pela forma como me olhava, presumi que tivesse a desconfiança marcada na face.

— Não sou eu a causa do teu problema — arriscou. — O teu isolamento...

— És uma das causas! — ripostei. — Para não referir que me escondeste todos estes livros. Não sou um tolo. Sei que escondes mais alguma coisa.

Erik olhou-me, culpado.

— É verdade. Guardo alguns segredos. Achas que devo contar-lhe, Rami?

O criado abanou a cabeça violentamente. Porque não me surpreendia?

— Eu discordo — disse Erik. — Acho que chegou o momento.

— O momento de quê? — Subitamente, sentia-me nervoso.

— De partilhar contigo o meu segredo mais precioso. — Voltando-se o criado, disse-lhe: — Rami, procura roupa escura para Amir. Esta noite, virá comigo.

— Onde? Não pretendo cair noutra emboscada. Bastou-me uma. A não ser que me digas onde vamos, não sairei daqui. — Cruzei os braços sobre o peito para mostrar a minha determinação. Serviu apenas para fazer Erik sorrir.

— Não haverá qualquer emboscada no local para onde vamos, meu irmão desconfiado. Mas será muito perigoso, porque cometeremos uma violação terrível. Faremos algo que é proibido. Vamos sair da Jaula.

CAPÍTULO SEIS



Mal conseguia conter o entusiasmo. De tudo o que Erik poderia ter-me oferecido, escolheu a única coisa a que não poderia resistir: o sabor da liberdade. Mudando o peso do corpo de pé para pé, esperei atrás de Erik que seguisse em frente. Estávamos ambos vestidos com roupas estrangeiras escuras que não combinavam entre si. Botas de sola macia envolviam-nos os pés, silenciando os nossos passos.

Ao sinal de Erik, percorremos um corredor sombrio e entramos num armário de serviço. Uma porta secreta ao fundo permitiu-nos entrar num labirinto de passagens em pedra tosca.

Escavado aquando da instalação de água corrente no palácio para alimentar as muitas banheiras e fontes, os túneis percorriam toda a extensão do complexo. A maior parte estava cartografada. Erik mostrara-me os mapas que estudara antes de partirmos. Eram tantos que quase não cabiam na sala de pergaminhos do arquiteto. Mesmo assim, algumas passagens permaneciam secretas, segundo Erik. Essas eram conhecidas apenas pelo sultão e pelo grão-vizir, que usavam esses túneis para espiar e fazer aparições inesperadas.

— Estamos quase lá — sussurrou Erik, após uma longa sequência de mudanças de direção.

— Onde?

— Verás.

Virámos à esquerda na esquina seguinte e começámos a subir uma escadaria estreita e escura. Ouvi vozes. Vozes femininas, falando, rindo, cantando. Tantas vozes. Subi mais rapidamente. Subitamente, a escadaria estreitou e a minha cabeça embateu no teto.

— Temos de rastejar durante o resto do caminho — sussurrou Erik. A seguir, encolheu-se para passar pelo que me pareceu uma conduta de ar.

Segui-o sem protestar. Após um momento de choques recíprocos naquela passagem estreita, avistei uma mancha iluminada sobre o corpo de Erik. Segundos mais tarde, estávamos deitados lado a lado, espreitando pela cobertura perfurada de uma abertura de ventilação.

Sustive a respiração. A visão era encantadora. Nunca antes vira tamanhas belezas. Havia, pelo menos, cinquenta mulheres no interior daquela sala ampla naquele momento. Algumas permaneciam em pequenos grupos sobre uma montanha de almofadas dispostas no chão de mosaicos rosados enquanto outras rodeavam a gigantesca fonte branca que dominava o centro do espaço. Por toda a sala havia eunucos negros, os guardiões leais do harém do sultão, circulando entre as beldades.

— Esta é uma das salas de música do harém — sussurrou Erik. — São concubinas inferiores, novas recrutas, ainda em formação. As favoritas e as esposas são alojadas noutro local.

Acenei afirmativamente. Tinha a boca demasiado seca para conseguir falar. Estava fascinado pela visão de mulheres tão magníficas. Por comparação, as mulheres no nosso harém quase não mereciam ser designadas como bonitas.

— Há mais noutras salas. O nosso pai costuma manter cerca de duzentas e cinquenta mulheres no seu harém em qualquer altura. É um pouco exagerado, não te parece? Eu não teria mais de cinquenta.

Olhei de soslaio para Erik. Não sofria de excesso de humildade. *Cinquenta mulheres! Sentir-me-ia feliz por conseguir uma.* Fiz regressar o olhar às belezas do harém.

Algumas das mulheres passavam toda a vida ali, enquanto outras partiam logo que a lei o permitia, um mês após darem à luz um herdeiro. Mas, em média, uma concubina passava nove anos no harém. Quando partia, era-lhe oferecido um conjunto de brincos de diamante, três anéis de ouro, um colar (de safiras se tivesse dado um filho ao sultão, de rubis por uma filha ou de

ouro simples na ausência de filhos), três libras de açafrão, dez libras de seda crua, sete pulseiras de prata e um serviço de chá em prata. As concubinas não eram postas na rua como mendigas. Deixavam o palácio ricas e com maiores soluções à saída do que à entrada. Para as que tinham nascido na escravidão, era uma forma de conquistar liberdade e estatuto, pois muitos aristocratas aguardavam para tomar como esposas criaturas tão refinadas, sendo bem instruídas na arte do amor e mantendo ligações fortes com o palácio.

O palácio recrutava constantemente mulheres novas para substituir as que partiam. Vinham de toda a parte. Podiam ser compradas, oferecidas por nobres ou soberanos estrangeiros ou conquistadas como troféus de guerra. Não conseguia evitar pensar a que categoria pertenceria a minha mãe. Que lhe teria acontecido? Teria morrido durante o parto? Teria exigido a liberdade depois do meu nascimento, sendo rejeitada? Ou teria sido forçada a abandonar-me por pressão de outras concubinas? As intrigas no harém eram tão comuns e implacáveis como na Jaula. O objetivo de cada mulher do harém era colocar um filho no trono. Em Telfar, a mãe do sultão era a mulher mais poderosa do reino, sobrepondo-se às suas esposas. Apenas ela teria o privilégio de viajar ao lado do sultão quando atravessavam o portão do palácio. Os outros teriam de entrar a pé, incluindo o grão-vizir. Por aquele privilégio, as concubinas dispunham-se a fazer coisas terríveis. Nenhuma mulher grávida ou criança pequena estava a salvo no harém. Sabia-o por experiência própria, tendo sido aí criado. No entanto, contemplando mulheres tão belas, custava-me conceber que pudessem ser tão cruéis.

— Qual preferes, Amir? — perguntou Erik.

Estudei as mulheres movendo-se nos seus estrondosos conjuntos de tecido diáfano. Uma delas captou-me a atenção. Tinha pele escura e membros longos, como uma potra. Apesar da sua grande beleza, não fora esta a atrair-me, mas sim o seu ar de vulnerabilidade. Parecia perdida e assustada. Não havia ambição no seu olhar, nem dureza, como nos olhos das outras. Senti necessidade de a proteger.

— Aquela sentada no divã azul.

— Boa escolha — considerou Erik. — Canta muito bem, mas com pouca frequência. Odeia o harém, tal como a mãe de Hamed.

Franzi a testa.

— Pareces conhecer bem o nosso pobre irmão falecido.

A tristeza cobriu a expressão de Erik.

— Hamed era mais do que um irmão. Era um amigo. E era mais corajoso que eu. Não se escondia, por maior que fosse o perigo. Costumava dizer que não conseguiriam oprimi-lo. Sinto muito a sua falta. — Esboçou uma imitação patética de sorriso. — Penso que herdou a coragem da mãe. Vinha de um país nevoso a norte. Uma verdadeira mulher guerreira, habituada a liderar e acostumada à liberdade. Nunca se adaptou à vida do harém e nunca desistiu de tentar fugir. Depois do nascimento de Hamed, duplicou os esforços e, certa vez, quase conseguiu fugir com o filho. Foi então que o palácio retirou Hamed da sua guarda. Foi considerada má influência e proibiram-na de ver o filho durante o resto da sua vida. Afogou-se na fonte mais funda do harém pouco depois.

Permanecemos em silêncio por um momento.

— E a ti, irmãozinho, quem te agrada? — perguntei. Qualquer coisa para aligeirar o ambiente.

— Também prefiro mulheres pequenas e de compleição delicada. Havia uma que me agradava particularmente. Era muito jovem. Mas já não está no harém. Também não estava destinada para esta vida.

Erik rastejou para longe da cobertura. Segui-o, em silêncio.

Em seguida, visitámos o tesouro. Senti-me chocado com a facilidade com que conseguimos entrar naquele local, sobretudo pelo alarido feito no ano anterior pelo roubo do jarrão. Erik limitou-se a abrir uma porta e ali estávamos, entre as paredes embutidas de joias. Nesse momento, senti-me o irmão mais novo, sendo Erik o mais velho, que me mostrava maravilhas. Para onde olhasse, via prateleiras a abarrotar de tesouros e arcas de ouro e joias em-

pillhadas até à nossa cintura. Vi colares de opala, reluzindo com todos tons do arco-íris, anéis de rubis com a cor e o tamanho de cerejas. E ouro. Havia tanto ouro que a quantidade se tornava difícil de compreender.

Erik ergueu um objeto de uma mesa de marfim e fingiu beber. Só então percebi que se tratava de uma caneca. O exterior estava de tal forma coberto com pedras preciosas que era quase irreconhecível.

— É odiosamente belo — disse Erik, voltando a pousá-la sobre a mesa.

Fomos de sala em sala, admirando os muitos tesouros: espadas com punhos de ouro e bainhas enfeitadas com diamantes, miniaturas fabricadas com pérolas. Uma representava o eunuco de um harém, com o tronco esculpido numa enorme pérola negra.

— Amir, olha para estes. — Erik ergueu um par de sapatos de veludo vermelho. Voltou-os para expor as solas de prata maciça. Pertenciam ao nosso pai e chamavam-lhes «passo dourado». Eram usados diariamente por todos os sultões telfarianos, para que as pessoas pudessem ouvir a sua aproximação e afastarem-se, curvarem-se ou prostrarem-se no chão, dependendo do seu estatuto. Permaneceriam assim até que o som da sola de prata embatendo no chão lhes dissesse que o sultão tinha partido e que voltara a ser seguro erguerem-se.

Olhei os sapatos e estremeci.

— Põe-nos no sítio! — disse a Erik.

— De certeza que não os queres experimentar antes?

— Não!

— Ótimo. — Erik pousou os sapatos no local onde os encontrara. — Vem, Amir. Há mais para ver, e só teremos esta noite.

— Porquê?

— O grão-vizir regressou. Esta noite, estará demasiado ocupado com os assuntos do palácio para fazer passeios, mas estas passagens deixarão de ser seguras amanhã. Vem. Não percamos tempo.

A sala das miniaturas foi a paragem seguinte. Retratos dos nossos antepassados cobriam três paredes, do chão ao teto. Mi-

núsculos retratos de porcelana das sultanas e favoritas preenchiam a quarta.

Erik tocou um retrato oblongo colocado ao centro da parede. Uma mulher deslumbrante de cabelo negro, com olhos verdes cintilantes, fitou-nos, rodeada pela moldura dourada.

— É Çiçek, a preferida do nosso pai. Tem um filho da idade de Rami. Em breve, juntar-se-á a nós na Jaula.

— Um fedelho mimado, certamente. Mal consigo esperar para o conhecer.

— Porque dizes isso? É um irmão mais novo.

Como se precisássemos de mais um irmão.

— Erik, estamos na Jaula porque somos todos animais perigosos. Ele não será diferente.

Deixámos a sala das miniaturas e passámos à Sala dos Trajes, onde eram guardadas as fardas adicionais dos criados e dos guardas. Num armário separado, vi fatos de vizires, mensageiros e físicos, juntamente com grande quantidade de trajes de artista. Havia também uma coleção de roupagens estrangeiras, oriundas de mais de quarenta países diferentes, e uma fileira completa de trajes teatrais.

— É aqui que consegues as tuas roupas ridículas — disse.

— Não são ridículas — protestou Erik. Ergueu um fato de pirata. — Não te agradaria viajar pelos mares?... O mais provável é que nunca aconteça. Nunca abordarei um navio ou atravessarei o deserto montado num camelo. Posso apenas vestir a roupa e imaginar-me em tais aventuras.

— Infantil — murmurei, algo invejoso da sua capacidade para o fazer. Duvidei que a minha imaginação me conseguisse levar para fora do palácio. O abstrato assustava-me. Talvez fosse por esse motivo que não acreditava em magia. Era abstrata. O veneno, no entanto, era algo de concreto.

— Mostra-me mais — disse, subitamente ávido por outros exemplos daquela falsa liberdade.

Erik sorriu. Pareceu muito agradado pelo meu pedido.

Atravessámos vários pequenos pátios sem abrandar o passo e estava prestes a perguntar-lhe onde íamos quando

entrámos numa imensa praça. Uma torre alta e pontiaguda erguia-se num extremo e um edifício longo com muitos arcos ocupava o outro.

— Tens de ver isto — disse Erik, antes de se afastar. Vi-o avançar até ao centro da praça. Quando lá chegou, acenou-me para que me juntasse a ele. Foi o que fiz, mas lentamente. Não me agradou o aspecto da torre. Era completamente negra. Apesar de ser visível de um dos nossos terraços, raramente lhe prestara atenção.

— Porque é negra aquela torre? — perguntei.

Erik abanou a cabeça.

— Não! Olha para baixo. Olha para os tijolos sob os teus pés.

— São vermelhos. E então?

Erik respondeu com novo esgar.

Olhei novamente, daquela vez com maior atenção. Os tijolos vermelhos formavam o centro daquela praça empedrada. Havia também uma grande mancha castanha ao centro.

— Hum... estão manchados.

Erik acenou afirmativamente.

— O sangue é vermelho. Foi por isso que escolheram tijolos vermelhos para esta praça. Mas esqueceram-se que fica castanho quando seca.

— Oh! Então a mancha é de...?

— Sangue!

Com uma exclamação de nojo, saí de cima da mancha. Antes que conseguisse ver mais alguma coisa, Erik disse:

— Esta é a praça das execuções, mais conhecida como Praça Corta-Corta. É aqui que os prisioneiros mantidos naquela torre são separados das suas cabeças.

— Encantador!

Erik encolheu os ombros. Apontando o edifício no extremo oposto da praça, perguntou:

— Queres ver o interior daquele? Vale a pena e prometo que não há sangue.

Sorri e segui-o.

Deslizando em silêncio sobre o piso de mármore escuro,

percorremos uma série de arcadas finamente decoradas até alcançarmos um recanto repleto de sofás de veludo vermelho, ricas tapeçarias e mesas baixas de mogno. Flutuava sobre aquela sala longa uma aura opressiva de poder, como se ali fossem discutidas questões importantes.

— Que sítio é este? — perguntei.

— O Salão do Divã — respondeu Erik. — É aqui que se realizam conselhos para decidir assuntos de estado.

Olhei em redor, espantado. Depois, notei que a sala era dividida por um biombo branco rendilhado. Quando o passei, vi um amontoado de sumptuosas almofadas de seda dourada espalhadas sobre ricos tapetes vermelhos.

— O nosso pai senta-se atrás do biombo e ouve — disse Erik. — Comunica com os conselheiros por um intermediário. Nunca se lhes dirige diretamente.

Não contive um esgar.

— Além do Dia da Bênção, também nunca fala connosco diretamente. — Pensar no Dia da Bênção enfureceu-me. Para a maior parte dos telfarianos, era um dia festivo, em que os pais de todo o país davam graças à fortuna pelos herdeiros que lhes haviam sido concedidos, beijando-os na testa. Mas, para nós, o Dia da Bênção era um dia de avaliação, no qual o nosso pai visitava a Jaula para ver quais entre nós permaneciam vivos e quais precisariam de uma reavaliação do seu estatuto, para cima ou para baixo. A sua decisão baseava-se nos feitos ou travessuras concretizados durante o ano, com aconselhamento secreto do grão-vizir. Francamente, não acreditava que o nosso pai nutrisse grande afeto por nós. Nunca nos manifestava qualquer emoção nem fazia algo que nos fizesse pensar o contrário. Todas as minhas recordações do Dia da Bênção eram de cerimónias longas e aborrecidas, com horas passadas numa fila apenas para ser mirado durante alguns segundos e convidado a seguir caminho. Odiava aquele dia.

Pousei a mão sobre o ombro de Erik e apertei-lho.

— Este local não é para nenhum de nós, irmão. Partamos.

— Estás certo. Resta pouco tempo e ainda não te mostrei o melhor.

Saindo do Salão do Divã, vi que a noite se aproximava do fim. O céu passava do negro ao azul, mas restavam ainda sombras suficientes para nos ocultar. Apressámo-nos sob uma longa galeria de pedra. Gravelha crepitava sob os nossos pés enquanto avançávamos. Quando emergimos pelo extremo oposto, chocou-me constatar que caminhávamos sobre erva verde e macia.

Estaquei e fitei a visão maravilhosa diante de mim. Com a luz difusa, o Jardim das Tulipas Brancas brilhava como se a própria Lua se tivesse deitado entre as flores para dormir. Mas havia algo que estava mal. Sentia-se um perfume no ar que não pertencia às tulipas. Era um perfume de rosa selvagem. Olhei em redor, mas não consegui encontrar a origem do aroma. Uma semente trazida pelo vento deveria ter ganhado raízes algures na parede, pensei. Seguindo Erik, percorri o caminho até ao quiosque de mármore rosado que se erguia contra a muralha exterior do palácio. As minhas mãos tocaram as tulipas enquanto caminhava, deleitando-me com a suavidade húmida das pétalas.

Entrámos no quiosque. O ar no interior era suficientemente frio para me arrepiar a pele. O gorgolejar da fonte no interior ecoava, quebrando o silêncio que, de outra forma, seria completo. Subindo rapidamente a escadaria em espiral que ocupava o centro do espaço, alcançámos uma pequena varanda de observação nas traseiras do quiosque.

Abri a boca de espanto. O deserto era muito maior do que julgara possível. Visto dali, o mar de areia parecia infinito. Inspirei o ar frio com deleite e sorri.

— Haverá uma passagem que conduza ao portão principal? — perguntei. — Um sítio de onde possamos ver a cidade?

— Sim. Ontem, poderia ter-te mostrado a cidade... mas hoje não. A torre onde a passagem se situa está demasiado próxima dos aposentos do vizir. Não me atrevo a arriscar.

Notei a expressão solene na face de Erik, uma expressão que não condizia com a sua personalidade otimista.

— O que foi? — perguntei.

— Nunca seremos livres, pois não?

Suspirei.

— Dependerá de quem se tornar o próximo sultão. Mesmo assim, há poucas hipóteses de liberdade, irmão... muito poucas.

— Sim — tornou Erik. — A não ser que um de nós se torne sultão... E isso é altamente improvável.

Pensei ter ouvido mágoa na sua voz. Estava prestes a questioná-lo quando sugeriu que regressássemos à Jaula. Lancei um último olhar abrangente ao deserto e parti com relutância.